



UMA EXPERIÊNCIA NA ORGANIZAÇÃO DOS DEBATES

Os materiais apresentados pelo Comité Central para discussão no II Congresso do nosso Partido, não são fáceis de discutir. Pela sua extensão e densidade, sobretudo o projecto de resolução política, tornam-se difíceis de abordar se não forem tomadas medidas sérias que fomentem o debate nos organismos do Partido. A experiência do nosso organismo talvez ajude outros camaradas a preparar melhor as discussões.

1. Primeiro que tudo as reuniões de discussão não devem ser guardadas para o fim dos prazos marcados pelo Comité Central. Desde já devem programar-se sucessivas reuniões dos

organismos que analisem os documentos nos seus diversos assuntos e segundo os capítulos. Os secretariados dos organismos devem para este efeito estabelecer calendários rigorosos e ordens de trabalhos precisas. Evidentemente que a leitura integral dos documentos por cada camarada é condição indispensável para o bom funcionamento das reuniões.

No nosso caso, dividimos a célula em grupos de dois a três camaradas que estudavam e debatiam em conjunto os projectos de resolução. Com base nos resumos das discussões assim realizadas fizeram-se reuniões conjuntas de célula para debate das principais questões levantadas.

2. A maneira de abordar as resoluções deve também ser cuidada pelos organismos. A tendência para fragmentar a discussão segundo os capítulos mostra-se prejudicial para a compreensão integral dos documentos, uma vez que faz perder de vista o seu sentido de conjunto. Não deve subordinar-se a compreensão política global dos textos à simplificação das reuniões.

Em vez da discussão capítulo por capítulo, que esteriliza em grande parte o debate, deve optar-se pela discussão por grupos de capítulos de modo a facilitar a articulação de todas as partes do documento e assim proporcionar melhor compreensão de conjunto.

Nas nossas reuniões optámos pela discussão de grupos de capítulos ligando-os da seguinte maneira:

— Os capítulos I e II foram abordados em ligação com o capítulo IV. Deste modo se pretendeu estudar a tática do Partido à luz das lições da crise revolucionária, procurando ver se as orientações táticas apontadas correspondem aos ensinamentos da crise.

— O capítulo III foi também discutido em ligação com o capítulo IV, com o objectivo de verificar a justeza da tática em relação às metas estratégicas apontadas.

— Finalmente abordaram-se em conjunto os capítulos I, II, IV e V, de modo a perceber a importância da revolucionarização face a toda a movimentação revolucionária das massas e face às exigências postas pela linha tática do Partido.

3. Deveremos ainda alertar por duas ideias erradas que podem desenvolver-se e que trariam prejuízos ao debate político em que, neste momento, todo o Partido está envolvido.

Uma, é a tendência para fa-

zer a discussão dos projectos em função apenas da experiência do respectivo organismo, limitando a discussão ampla. Quando se cai neste erro, fica-se com uma visão estreita dos documentos e não se contribui nada para elevar os membros do organismo ao nível da visão política geral que todos os militantes devem ter sobre a actividade e os problemas do Partido. Este erro vicia-nos na visão localista dos problemas políticos e faz perder a perspectiva larga de Partido. Em nossa opinião, a abordagem dos projectos a partir da experiência particular de cada militante e organismo, apenas deve servir para estimular o debate e não para o restringir; deve servir para atingir as questões gerais a partir das questões particulares e não para reduzir o debate a estas últimas. Deve tentar-se comparar as ideias contidas nos projectos com as experiências concretas de cada organismo, mas não deve ficar-se por aí — em seguida, é preciso generalizar cada experiência para que todo o Partido dela beneficie.

A outra ideia errada para a qual alertamos é a de pensar-se que o debate para o Congresso termina com as assembleias de célula. Deveremos tomar consciência de que, até à sessão final do Congresso, não pode parar o estudo e a discussão dos projectos e as sugestões para o seu enriquecimento. É o Partido por inteiro que tem obrigação de fazer o melhor possível para aperfeiçoar os documentos.

Tanto as conferências de zona, de empresa e regionais como também os restantes militantes e organismos do Partido devem prosseguir e aprofundar sempre mais as discussões há pouco iniciadas.

Saudações comunistas
BJ

ATENÇÃO

Camaradas:

Devido às enormes despesas contraídas na distribuição e no aumento de páginas da TC decidimos estabelecer o preço de custo de 4\$00. Além disso os organismos devem proceder à recolha do pagamento dos números anteriores.

Decerto que os camaradas compreenderão as razões desta medida pelas dificuldades económicas que atravessamos.

Saudações comunistas

Comissão de Redacção TC

Sobre o regulamento do II congresso do PCP(R)

RESOLUÇÃO DO CC DO PCP(R)

O Comité Central do Partido, ao analisar observações feitas ao "Regulamento do II Congresso do PCP(R)" concluiu que são justas algumas das propostas de alteração apresentadas. Foi portanto tomada a decisão de alterar alguns artigos do Regulamento anteriormente aprovado e já publicado na "Tribuna do Congresso".

Assim como medida destinada a reforçar a democracia interna e assegurar o pleno cumprimento do centralismo democrático no processo preparatório do Congresso, os artigos 12, 25 e 36 passam a ter a seguinte redacção:

12. Os camaradas dos comités de empresa e de zona devem participar nas assembleias de célula a que pertencem ou onde sejam mais conhecidos. Nessa assembleia terão o direito à palavra, a votar e a serem eleitos no caso de pertencerem à célula e o direito à palavra e a serem eleitos delegados no caso contrário.

Os camaradas dos comités de empresa e de zona que não sejam eleitos em qualquer assembleia de célula para a conferência respectiva, participam obrigatoriamente nesta com direito à palavra e a serem eleitos, mas sem o direito de votar.

25. Os camaradas dos comités regionais devem participar

numa conferência de empresa ou de zona, quer sejam ou não eleitos delegados em assembleias de célula. Nessa conferência terão direito à palavra, a votar e a serem eleitos no caso de serem delegados e o direito à palavra e a serem eleitos delegados no caso contrário.

Os camaradas dos comités regionais que não sejam eleitos em qualquer conferência de empresa ou zona para a conferência regional respectiva, participam obrigatoriamente nesta com direito à palavra e a serem eleitos, mas sem direito a votar.

36. Os camaradas do Comité Central e das comissões auxiliares do Comité Central devem participar numa conferência regional, quer sejam ou não eleitos delegados numa conferência de empresa ou de zona. Nessa conferência regional terão direito à palavra, a votar e a serem eleitos no caso de serem delegados e o direito à palavra e a serem eleitos delegados no caso contrário.

Os camaradas do Comité Central que não sejam eleitos em qualquer conferência regional para o Congresso, participam obrigatoriamente neste com direito à palavra e a serem eleitos, mas sem o direito a votar.

Lisboa, Fevereiro de 1977
O Comité Central do PCP(R)

CENTRALISMO OU ANARQUIA?

O II Congresso do nosso Partido, reveste-se de grande significado, pois dá-se numa altura em que se torna necessário reflectir profundamente todo o trabalho desenvolvido durante estes 3 anos de lutas revolucionárias e de um ano de intensa actividade partidária.

Tal reflexão tem que ser fruto de todo o Partido como condição única para que no seu conjunto ela seja transformada em nova orientação e perspectivas que nos devem guiar no futuro. Só esta reflexão nos deve obrigar a retirar o conjunto das lições da experiência vivida nos planos ideológico e político, ela tem que se estender também ao plano da organização sem a qual não conseguiremos levar à prática os avanços traduzidos na ideologia e na política.

Caracterizados por uma ideologia e uma política que nada tinham a ver com o proletariado, os grupos eram em matéria de organização a expressão concentrada do que de mais evidente podia existir

de anti-marxismo; eles funcionavam como pequenas federações onde os seus caciques eram chefes supremos sem qualquer direcção única, sem centralismo nem democracia.

A reconstrução do Partido trouxe-nos também neste campo, as bases fundamentais onde assenta um Partido autenticamente marxista-leninista. Os Estatutos aí aprovados são de facto um documento marxista-leninista de grande importância; no entanto assim como a reconstrução do Partido não conseguiu na ideologia e na política cortar com o que de mais pernicioso existia nos grupos, também em matéria de organização algumas concepções erradas aí foram introduzidas e que este projecto agora apresentado pelo nosso comité central justamente corrige, tornando assim os Estatutos um documento ainda mais rico e de grande valor para o nosso Partido.

Uma das correções apresentadas neste projecto diz respeito ao artigo 16º dos Estatutos actuais que merece da parte dos camaradas da célula 27 de Novembro (TC n.º 5) algumas considerações que nos parecem incorrectas. É sobre essas considerações que iremos dar a nossa opinião.

Começa por nos dizer o artigo dos camaradas que, num artigo anterior do camarada M. onde defende o projecto, "escamoteia por detrás de frases justas sobre centralismo democrático questões importantes". E quais são essas questões importantes? Elas centram-se na possibilidade ou não de qualquer organismo ou militante do Partido poder tomar posições públicas sobre questões de âmbito nacional ou internacional, sem que o tenha feito o Comité Central. O artigo do camarada M. que defende a proposta apresentada pelo Comité Central, apresenta

como uma violação ao centralismo democrático qualquer tomada de posição contrária à agora apresentada. Os camaradas da célula 27 de Novembro discordando desta posição e logo da proposta apresentada, aportam-na como um escamotear de questões importantes.

Vejamos então se assim acontece e o que está por detrás desta posição!

Os Estatutos actuais dizem-nos que "nenhum comité ou organismo do Partido e nem os seus dirigentes e militantes têm o direito de fazer declarações ou manifestar-se publicamente sobre qualquer questão nacional ou internacional, comprometendo o Partido, sem que o Comité Central tenha tomado posição a esse respeito", deixa no entanto a porta aberta ao oportunismo ao incluir: "prometendo o Partido" na respectiva definição; ou seja os organismos e militantes do Partido só não poderão tomar posições públicas ou fazer declarações antes do Comité Central se comprometerem o Partido, se o não comprometerem já podem. Esta formulação viola assim o centralismo democrático pois permite que mais que um centro tome posição sobre os âmbitos nacional ou internacional, colocando apenas a diferença no comprometer ou não o Partido. Ora, o centralismo democrático não é um princípio que se aplique nesta ou naquela condição, com este ou aquele condicionalismo, ele é um princípio leninista de organização que se aplica em todas as situações e condições; ele determina que todas as organizações se submetam ao Comité Central não apenas em algumas circunstâncias, mas sempre.

Vejamos o que nos diz o camarada Staline a este propósito:

"O princípio da subordinação da minoria à maioria, o princípio da direcção do trabalho do Partido por um organismo central suscita, com frequência ataques dos elementos instáveis, acusações de "burocracia" e "formalismo", etc. Mas o trabalho sistemático do Partido como um todo e a direcção da luta operária não seriam possíveis sem a aplicação destes princípios. O leninismo em matéria de organização é a aplicação inflexível destes princípios. Lenine qualifica esta luta contra estes princípios de "nihilismo russo" e declara que é necessário acabar com este "anarquismo de grande senhor".

Os que hoje não comprometem o Partido e são os seus mais intransigentes defensores poderão amanhã ser os maiores oportunistas, é por isso que como nos ensina Lenine "Os Estatutos são a desconfiança organizada". É justamente por isso que não pode existir na lei e guia de um Partido marxista-leninista que são os Estatutos qualquer ponta que possa dar margem de manobra a quem

quer que seja e sirva para atacar o Partido.

Os camaradas da célula 27 de Novembro ao apresentarem aspectos parcelares da actividade do Partido, e reconhecendo-lhe justamente algumas falhas, acabam no entanto por apresentar a solução errada, passando por cima das questões de princípio, ou seja os camaradas em situação de amena luta de classes acham que sim senhor cabe ao Comité Central tomar posição em primeiro lugar, mas em situações de aguda luta de classes e o C.C. tardando em tomar posição, então guarda-se os princípios no bolso e qualquer militante ou organismo pode tomar posição livremente.

Aquilo a que chamam a "lei do silêncio" os camaradas opõem a existência de vários centros, a anarquia, uma posição sem princípios. As deficiências na Imprensa existem, assim como existem noutras frentes de trabalho, isso deve-nos levar a concentrar aí o ataque e procurar que pelas nossas críticas e sugestões (acima de tudo), com um esforço colectivo e individual nos consigamos colocar à altura das responsabilidades que a situação política nos exige. As respostas que são necessárias dar a cada momento não podem no entanto levar-nos a que em situações onde a necessária reflexão sobre determinados problemas, seja ultrapassada para corresponder muitas vezes a uma pressa frenética pequeno-burguesa que incapaz de aplicar nas mais variadas situa-

ções a linha do Partido, se enobre com a falta de posição para não desenvolver trabalho e para não demonstrar o seu desligamento das massas. Seja em que situação for e dentro do seu âmbito de actividade, todos os organismos e militantes podem e devem tomar posições sem que seja necessário passar à "clandestinidade" nem ficar com "paralisação mental" como pretendem demonstrar os camaradas da célula 27 de Novembro. Um militante ou dirigente, verdadeiramente ligado às massas e aos seus problemas não precisa que lhe venham dizer "faz isto ou aquilo", mas toma a iniciativa e assume a sua responsabilidade de comunista e dirigente perante as massas.

É com elevado espírito de iniciativa e de nos sabermos orientar pela própria cabeça se as situações o exigirem que nos devemos forjar. A capacidade de iniciativa e decisão são critérios fundamentais na análise dos quadros; é dessa capacidade que nos devemos imbuir e saber corresponder às necessidades do Partido.

E para terminar gostaríamos apenas de dizer isto aos camaradas: ninguém é dono da verdade absoluta, como tal é pelo confronto das ideias e das várias posições que nós conseguiremos o caminho certo e esse será certeza o melhor. Não é com posições taxativas e pretensões a donos da verdade que encontraremos esse caminho.

Saudações comunistas
Mq.

A propósito dos estatutos

Em relação aos Estatutos do Partido, proponho que seja acrescentada ao artº 57º a seguinte frase:

"No caso de readmissão de um membro do Comité Central, aquela decisão deverá ser ratificada no próximo Congresso do Partido".

Com efeito, e em paralelo com o que se procede para o caso de expulsão, tais resoluções devem ser sempre confirmadas pelo organismo superior. No caso do Comité Central, o organismo superior é o Congresso. Parece-me ser este um caso de grande importância porque, se é necessária vigilância a todos os níveis nas estruturas do Partido, com mais razão no Comité Central que é o órgão mais responsável.

De acordo com os artº 52º e 53º, a expulsão é a medida disciplinar mais severa no Partido e só deve ser tomada após minuciosa análise de cada caso concreto e de ser bem avaliada a gravidade da falta cometida. Portanto a expulsão só se dá no caso de ter havido falta verdadeiramente grave contra a moral comunista ou contra os interesses do Partido e de tal facto ser devidamente comprovado. Por isso mesmo a readmissão de qualquer militante, por ventura expulso, se reveste de grande gravidade para todo o Partido e com mais razão se se tratar de um membro do Comité Central. Daí esta minha proposta.

Saudações Revolucionárias
H.
célula "Alfredo Ruas"

Sobre o artigo 41º dos estatutos

CAMARADAS:

A nossa célula não está de acordo com este artigo, no que respeita à eleição de um secretariado de célula só quando esta tiver mais de 7 membros.

A nós parece-nos que isto não está bem pois que, por exemplo, uma célula com 6 membros ter apenas um secretário, para além de sobrecarregar o camarada, leva a que o camarada dificilmente consiga contactar os restantes membros da célula e passar-lhe directivas e por outro lado dificulta o controlo de execução das tarefas. Se por exemplo o camarada

1º Secretário for operário e trabalhar em turnos, estão pior ainda.

É exactamente esta uma das lições que a nossa célula extrai da experiência anterior.

Assim, nós propomos a seguinte alteração ao artº 41º:

"Para dirigir o trabalho da célula com 3 ou 4 membros a célula elege apenas um secretário. Com 5 ou 6 membros a célula elege um secretariado com 2 membros. Com 7 ou mais militantes a célula elege um secretariado com 3 membros..."

Saudações comunistas

O PRATICISMO

Forma de revisionismo no campo dos métodos de trabalho

1. O projecto de resolução política apresentado pelo Comité Central aborda, no parágrafo "Firmeza ideológica marxista-leninista" do quinto capítulo, um problema largamente analisado e debatido no nosso Partido mas que, infelizmente, se mantém bem actual: o praticismo.

Esta erva daninha é apontada desde o inicio da revolucionarização e proletarização do Partido, mas tem sobrevivido a todos os ataques, tem renascido sob outra forma cada vez que parece destruída.

Em que organismo do Partido não há um ou mais camaradas corroidos por este vício? Quem não conhece as nefastas consequências desta terrível deformação?

É altura de, firme e seriamente, iniciarmos uma campanha implacável que leve à destruição do praticismo. Não o fazemos é permitir que ela continue a destruir alguns dos nossos melhores camaradas, é deixarmos o flanco aberto para que ele possa corroer e destruir o nosso Partido.

2. O nosso querido camarada Staline dizia que "a prática que não é iluminada pela teoria torna-se cega". É a esta cegueira que se chama praticismo. Não há melhor definição!

As suas manifestações são as mais variadas, umas mais graves do que outras, umas evidentes outras camoufladas, umas até ridículas pelo excesso, mas todas, sem excepção, perigosas.

Praticista é o camarada que corre todo o dia de um lado para o outro, saltitando de reunião para reunião, sem pensar em nada, sem planear nada, falhando metade das tarefas em que se envolve pelo atabalhamento da sua actividade. É o camarada que não comprehende ou não quer comprehender que as tarefas devem ser discutidas politicamente, planeadas e só depois executadas. É o camarada que sistematicamente não prepara as reuniões em que participa, porque "ando muito atarefado". É o camarada que nunca lê um livro de Marx ou Lenine, porque "fico com sono".

É o camarada que é capaz de vender 50 ou 100 exemplares do órgão central, mas não é capaz de ler nem sequer o seu editorial. É o camarada que afirma, com a naturalidade de quem diz gostar de caldeirada, "eu sou um prático, não sou para teorias". É o camarada que só vê o presente, ou melhor, as duas horas que tem à sua frente, sendo incapaz de analisar o passado ou de prever o futuro.

Praticista é, sob o ponto de vista teórico, ideológico e político, um camarada cego, sem cérebro nem bengala, numa rua cheia de desvios, degraus, buracos e armadilhas. Só por acaso chega ao seu destino!

3. Bernstein, chefe de fila do revisionismo, disse numa frase que se tornou célebre: "o objectivo não é nada, o movimento é tudo".

Os camaradas que se envolvem no praticismo cego, no fundo transpõem para o campo dos métodos de trabalho esta frase de Bernstein. Pois não é verdade que para eles a sua frenética actividade é tudo? Pois não é verdade que eles se esquecem dos objectivos finais em benefício de pequenas tarefas que os espera daqui a cinco minutos?

Reparemos no que Lenine disse sobre a frase citada:

"A frase de Bernstein em voga traduz a natureza do revisionismo melhor do que muitas dissertações. Redefiniu a sua conduta entre duas situações, adaptou-se aos acontecimentos do dia, a factos políticos insignificantes, esquece os interesses vitais do proletariado e os traços essenciais do regime capitalista, sacrificar os interesses vitais em nome de vantagens reais ou supostas do momento: tal é a política revisionista".

Esta citação aplica-se perfeitamente aos camaradas que não estudam, não pensam, não planejam. Eles de facto são obrigados a redefinir constantemente a sua conduta, a adaptar-se às coisas mais insignificantes do dia-a-dia, eles sacrificam e esquecem o essencial em troca do provisório, do efémero, do actual. Por isso, se pode dizer que o praticismo é uma forma de revisionismo, no campo dos métodos de trabalho.

Para ilustrar melhor esta ideia, vejamos esta outra citação de Engels. O seu ataque não era dirigido aos praticistas mas sim aos revisionistas seus contemporâneos mas, mais uma vez, ele podia-se transpor, no campo dos métodos de trabalho, para o praticismo. É a seguinte:

"Este esquecimento das grandes considerações essenciais em troca de interesses passageiros actuais, esta corrida aos sucessos efémeros e à luta que se está a desenrolar sem ter em conta as consequências ulteriores, este abandono do futuro do movimento sacrificado ao presente, tudo isto tem talvez motivos 'honestos'. Mas isto é oportunismo".

Os camaradas mais praticistas não devem ficar satisfeitos ou aliviados por Engels dizer que os motivos são talvez "honestos", porque ele a seguir acrescenta:

"Ora o oportunismo 'honesto'" é talvez o mais perigoso de todos..."

4. No ponto anterior deste artigo caminhou-se do revisionismo para o praticismo, isto é,

transpuseram-se para os métodos de trabalho conceitos revisionistas dando assim origem ao praticismo. Verifica-se no entanto, e isto é talvez o mais importante, que o inverso também é verdadeiro: o praticismo nos métodos de trabalho pode dar origem ao revisionismo na política e na ideologia, ou mais correctamente: o praticismo ao corroer um partido desarmando política e ideologicamente os seus militantes abre o caminho, aduba a terra ao revisionismo, podendo levar à degenerescência do partido. É isto que é dito no projecto de resolução política, no caso concreto do velho PCP no seguinte parágrafo:

"A subestimação do velho PCP para com tão importante actividade partidária (a formação ideológica e teórica dos militantes) originou esta situação aberrante: um partido sempre dirigido por uma maioria esmagadora de operários e trabalhadores, foi sujeito a forte influência, e mesmo dominação, dos elementos de origem não proletária, e nunca conseguiu liquidar, por completo, as manifestações da ideologia pequeno-burguesa. Os quadros proletários do Partido como que descansaram nos conhecimentos, na capacidade política e até na facilidade de escrita dos militantes de origem não proletária. Empobreceram, com esta sua atitude, o nível político dos dirigentes operários e privaram o Partido de intelectuais e teóricos de origem proletária."

Foi este um dos factores que

permitiu a degenerescência do Partido, a sua destruição pela clique revisionista de Cunhal.

5. Façamos guerra ao praticismo. Que ninguém possa dizer "não tenho tempo para ler", "discutam que eu depois aplico", "não percamos tempo a discutir", "isso do plano vê-se depois" e outras calamidades deste tipo.

Façam-se planos de actividade de cada organismo e de cada camarada que o compõe. Discuta-se semanalmente o editorial do "Bandeira Vermelha". Organize-se o estudo individual das principais obras dos grandes dirigentes do proletariado. Distribuam-se as tarefas de forma equitativa de modo que todos tenham tarefas a cumprir e também tempo para ler e estudar. Ensine-se, a pouco e pouco, os camaradas operários a redigir, não os afastando deste tipo de tarefas. Promovam-se camaradas operários não apenas pela sua profissão ou origem social, mas principalmente pela sua ideologia. Transforme-se este período preparatório do Congresso num período de intenso estudo de enriquecimento e valorização política e ideológica.

Só assim estamos a cumprir a nossa missão.

Só assim estamos a construir um Partido capaz de cumprir a sua missão: libertar o proletariado e todo o povo das malhas da exploração e opressão, levando à prática os altos ideais do socialismo e do comunismo!

M.

PREPAREMOS OS DEBATES

Camaradas:

Com os processos de estudo e discussão sugeridos no T.C. 1, a nossa célula discutiu a forma de melhor preparar todos os materiais para o Congresso.

Dividimo-nos em pequenos grupos de estudo de 3 camaradas que estudam individualmente e discutem colectivamente, a coordenação do estudo é feita pelo secretariado, assim o plano de estudos está a ser perfeita e eficazmente cumprido, culminará na assembleia de célula onde cada camarada dos grupos de estudo será o responsável por apresentar a posição do grupo sobre 2 capítulos.

Pensamos que o relatar desta experiência de estudo seria bom, sobretudo se reforçássemos o que considerámos principal, que é a viva participação na discussão da totalidade dos camaradas.

As experiências de estudo porque temos passado desde o Congresso de Reconstituição do nosso querido Partido até hoje têm mostrado uma fraca participação na discussão por parte dos camaradas, agora com os grupos de estudo, há uma participação geral e todos têm sempre mais um enriquecimento a dar.

Saudações Comunistas -
Viva o II Congresso

ENCONTRO DISTRITAL DA UDP DE LISBOA

Ao iniciar o debate, que desejamos vivo e franco, do Projecto de Resolução do C.C. para o nosso II Congresso, parecemos essencial o socorro às lições da prática, presente e passada. Se não o fizermos, arriscamo-nos a desligar uma coisa da outra, e não nos interessa, de certo, que proclamemos os grandes princípios do marxismo-leninismo se não combatermos todas as tendências para os desprezar na prática.

Vamos referir-nos, por o considerarmos um excelente exemplo pela negativa, ao recente "Encontro Distrital da Área Urbana de Lisboa da UDP".

Grande parte das nossas hesitações em ultrapassar a UDP (como precioso alicerce que foi, e venerável antepassado que é, da Frente Popular) e em aplicar todas as nossas forças no reforço, alargamento e desenvolvimento, do MUP, deve-se ao conhecimento que temos da insuficiências, em quantidade e qualidade, dos nossos quadros comunistas para todas as tarefas de mal enquadramento dessa ainda embrionária Frente Popular.

Em tal situação, abrem-se-nos duas alternativas: ou bem que avançamos nas tarefas de construção da Frente, e para isso temos que desenvolver um esforço gigantesco para assegurar a formação de quadros que não deixem, em sítio nenhum, que seja a pequena-burguesia a conduzir o processo, ou bem que nos encolhemos perante a imensidão das dificuldades, abandonamos largos sectores das massas à influência da pequeno-burguesia, e recuamos para dentro das nossas próprias muralhas, para dentro da UDP, com um vago projecto de, algum dia, daí partirmos em melhores condições. Esta última, é a teoria da acumulação de forças fora da luta de massas, ou a da purificação da seita, que tem

que ser repudiada. A primeira alternativa, a única que aceitamos, implica que metamos ombros à tarefa imensa de FORMAR quadros comunistas, ORGANIZAR o Povo para a luta e AVANÇAR na Revolução. Qualquer destas tarefas é condição necessária ao bom êxito da seguinte.

A UDP tem sido um dos alvos onde temos ido buscar muitos, ou quase todos os quadros comunistas surgidos depois do Congresso de Reconstrução. Certamente que ainda lá existem muitos camaradas ansiosos e capazes de ascender à qualidade de membro do Partido. Essa é uma das razões (mas longe de ser a única) porque não podemos tolerar em reuniões da UDP — e muitos menos naquelas em que o Partido está formalmente representado — se defendam e propaguem ideias contrárias ao marxismo-leninismo. Foi o que se passou na referida reunião, e com a agravante de toda essa ideologia estranha ser apresentada a lado com despropositados votos de fidelidade ao Partido.

Camaradas, que viriam algumas horas depois a ser eleitos para a direcção distrital (e não pômos agora em causa, para não dispersar a discussão, o anti-democratismo do "Encontro" e da consequente "eleição", que também foram grandes exemplos pela negativa) defendem abertamente o esoterismo, em pretensas críticas aos camaradas que se queixavam de falta de directivas políticas. Que não, que um revolucionário não tem que se agarrar a directivas para avançar na luta, que há que avançar mesmo sem elas — disse-se. Desejoso de suprir essa falta, logo se pronunciou outro camarada, afirmando que as directivas existiam, pois não havia mais que aplicar (na UDP, na Frente) as oito tarefas que o nosso Comité

central determinara a todo o Partido, aos militantes comunistas. Pouca gente se espantou por esse camarada estar, pura e simplesmente a apagar todas e quaisquer fronteiras entre a UDP e o Partido, a exigir aos revolucionários sem-Partido o que exigimos aos militantes comunistas. Assim, não foi descabida uma intervenção posterior de outro camarada, politicamente recuado, mas ardendo em fervor revolucionário, que propôs a fusão do PCP(R) com a UDP, pois "assim seríamos ainda mais fortes".

Foi esta última proposta (não contestada, de resto) que provocou alguns sorrisos na Mesa, mas as intervenções que referimos atrás, e que conduziram em linha recta a ela, essas não suscitaron a menor reacção.

Num "Encontro" em que ninguém se cansou de proclamar que aceitava a direcção do Partido (e deixaremos para abordar noutro documento a demonstração do que isso teve de errado) foi essa direcção que sempre esteve ausente. Permitiu-se que cada camarada levasse para casa e para as suas frentes de luta essas ideias erradas, avalizadas, não pela UDP, mas pelo nosso Partido Comunista.

Os camaradas do Partido, presentes em massa na Mesa, não dirigiram a reunião limitaram-se a cronometrar o tempo das intervenções. E mesmo dessa "tarefa" se demitiram, quando permitiram que uma camarada, provavelmente bem-intencionada, mas muito arredada da nossa linha política, defendesse que se devia respeitar o governo soarista e o general Eanes, "porque afinal de contas, ganharam nos votos", e se alongasse por 25 minutos, quando era de 10 minutos o tempo concedido a cada intervenção. Simples "obreirismo"? Julgamos que o "obreirismo" nunca é simples, porque serve de re-

curso (ou de "tapa-olhos") à pequeno-burguesia para impôr as suas ideias de compromisso.

Finalmente, não podemos deixar de apontar como desvios mais graves, de tantos que foram "consagrados" nessa reunião de duas centenas e meia de delegados dos núcleos UDP, os cometidos por um camarada responsável do MUP, a nível nacional. Afirmou esse camarada que nunca poderíamos reconhecer o MUP como Frente Popular, enquanto a sua direcção não reconhecesse o papel dirigente do PCP(R); outra condição era a de que os dirigentes pequeno-burgueses do MUP consagrasssem a Aliança Operário-Camponesa como base da nossa Revolução. Restar-nos-ia perguntar se só estámos dispostos a admitir na Frente aqueles que abraçaram a ideologia do Proletariado e se orientarem pelo Marxismo-Leninismo...

Porém, o camarada não se dispensou de afirmar, e repetidamente, que questões tais como o futuro da UDP (face à Frente, por um lado, e ao Partido, por outro) seriam para debater em Congresso Nacional, e só aí. De modo que, nestes "encontros" e conferências, não mais teríamos do que ratificar uma linha já traçada — mesmo que a considerássemos incorreta — pois só o Congresso a poderia contrariar (embora os "encontros" fossem chamados aprová-la).

Não iremos mais longe, nessa intervenção. Deixamos apenas estes temas para debate entre todos os camaradas, pois o nosso Partido não pode ter ideias indefinidas ou conceitos ambíguos sobre eles.

Em frente com o debate, tendo o Marxismo-leninismo, a ciência do materialismo histórico e dialéctico, por guia!

Em frente pelo Congresso do Partido!

Saudações Comunistas
célula "27 de Novembro"

CONTRIBUIÇÃO PARA O DEBATE

Camaradas:

A célula Maria Machado na primeira sessão da Assembleia para discussão do projecto de Resolução do C.C. ao II Congresso do PCP(R), discutiu o I e parte do II capítulo. Ao apresentar o relato do nosso método de estudo e discussão procuramos contribuir com a experiência para enriquecer ainda mais o debate dentro do Partido.

Ao programar a discussão e o estudo o secretariado encarregou cada camarada de fazer a exposição sobre um capítulo ou sobre alguns pontos do capítulo. Assim, todos os camaradas para além do estudo individual têm de preparar a sua intervenção e a exposição sobre o ponto do capítulo que lhe cabe.

De acordo com as 5 interrogações enunciadas no começo do I capítulo e com base na-

guns pontos desse mesmo capítulo foram postas as seguintes questões: como encaras o 25 de Novembro? Que pensas acerca do papel dos grupos? Qual é para ti o papel do MFA no processo revolucionário? Que pensas acerca do MUP e da UDP? Achas que a UDP se deve integrar no MUP e dissolver-se? Como vês as nacionalizações? Quais pensas que são as suas consequências? estas são algumas das questões às quais cada camarada tem de responder na sua intervenção.

Este método de discussão tem proporcionado um debate mais vivo e intenso do que nas discussões havidas anteriormente na célula.

Nas conclusões retiradas da discussão a célula destaca que o combate sem tréguas ao grupismo e às tendências para defender o "mérito" dos grupos tem de ser levado até ao fim. Con-

cluimos que os grupos tiveram uma actividade antipartido ao longo dos 12 anos de guerra de seitas e que o motor da reconstrução do Partido não foram os grupos mas a classe operária que lutou com todas as suas forças contra os caciques pequeno-burgueses, contra os grupos, exigiu e impôs o Congresso e o Partido.

No que se refere às nacionalizações, a nossa célula considera que a existência de muitas empresas que continuam com um carácter privado, embora se encontrem nacionalizadas ou pertençam a empresas nacionalizadas é um problema importante para compreender o carácter das nacionalizações. Por isso, deviam ser fornecidos na tribuna dados e exemplos de empresas onde as administrações e gerências se mantêm fieis aos grandes capitalistas gerindo os seus negócios e enviando-

-lhes os lucros. Sobre o ponto "contradições insolúveis", o camarada R. levantou a seguinte questão: como é que se pode classificar de capitalismo monopolista de Estado um regime onde o poder político (aparelho de Estado fascista) impõe a sua vontade aos diversos grupos monopolistas?

Na questão MUP/UDP, a célula conclui que o MUP tem condições mais propícias do que a UDP para se desenvolver e se tornar na grande Frente Popular de Massas de que o nosso povo precisa para fazer a Revolução. Nesse sentido defendemos a integração da UDP no MUP e a sua dissolução, tomando no entanto, as medidas e as precauções necessárias para reagrupar as forças da UDP dispersas e que correspondam às responsabilidades que uma decisão destas acarreta.

Célula "Maria Machado"

TER ORGULHO NOS GRUPOS OU TER ORGULHO NO PARTIDO?

O nascimento do nosso Partido está irrevogavelmente ligado à história dos grupos pequeno-burgueses que durante 12 anos salgaram em reconstruir o Partido Comunista. É um facto que não tem discussão. O que tem discussão e é importante esclarecer é se o Partido nasceu na continuação dos grupos ou por oposição e negação dos grupos. No fundo, é esta a questão que está por detrás da argumentação exposta pelo camarada AL no seu artigo "A era dos grupos terminou" publicada na Tribuna do Congresso nº 5.

1. Que factores contribuiram para romper com 12 anos de grupismo pequeno-burguês e reconstruir o Partido?

Foram essencialmente 2 factores: a pressão de uma corrente proletária que aderiu progressivamente ao marxismo-leninismo e que assumiu a missão de reconstruir o Partido Comunista; e a ajuda decisiva do movimento comunista internacional que trouxe até nós, pela primeira vez após a traição revisionista, a experiência dos Partidos marxistas-leninistas.

A corrente proletária, que se definiu após o 25 de Abril e engrossou consideravelmente nas lutas de massa então desencadeadas, nada teve a ver, pela sua natureza social e pelas suas aspirações de classe, com a pequena burguesia radical que sempre dominou numérica e ideologicamente os grupos. Com efeito, tal corrente forjou-se na luta e não nas universidades; ligou-se ao marxismo-leninismo por ser nele a alternativa ao revisionismo e não por radicalismo estudantil; e propôs-se reconstruir o PC por constatar a necessidade de dar à classe operária uma cabeça dirigente para a enorme movimentação revolucionária em que participava e não por sectarismo pequeno-burguês. Por este caminho, cheio de sinuosidades, uma parcela importante de proletários de vanguarda tomou consciência das responsabilidades que tinha para com a sua classe. Foi esta a grande transformação, iniciada nos últimos anos da ditadura fascista e desenvolvida após a sua queda, que viria a destruir os grupos pequeno-burgueses.

A ajuda internacionalista, por outro lado, veio ao encontro desta corrente e destas aspirações, fornecendo os conhecimentos e os meios sem os quais o partido não se teria formado: a conceção leninista de partido, que não era possível deduzir do passado dos grupos, e o processo para lá chegar através de um Congresso que desfizesse as seitas.

As contradições entre o surgimento destes dois factores e a realidade dos grupos pequeno-burgueses são evidentes. Podemos ver as suas manifestações em diversos exemplos. Raros eram os proletários nos postos de direcção dos grupos, o que é revelador de oposição que a pequena burguesia fazia à ascensão da classe operária como força conscientemente revolucionária, e da defesa da hegemonia pequeno-burguesa no movimento. Diminutos eram os militantes proletários dos grupos em relação à massa de proletários que aspirava a uma direcção política revolucionária, o que ilustra o alheamento dos grupos face à crise revolucionária vivida. O sectarismo entre os diversos grupos era moeda corrente nas relações de uns para os outros, contrariamente ao desejo de unidade manifestado pela classe operária que, muito justamente, nunca deu crédito às "razões" invocadas pelos caciques para a divisão do movimento. A confiança nos gru-

pos nos sectores da vanguarda operária que iam aderindo ao marxismo-leninismo foi sempre muito condicional por não verem nos campos pequeno-burgueses os seus dirigentes políticos.

2. A reconstrução do Partido não se fez, pois, como uma consequência lógica da actividade dos grupos e na continuidade das suas ideias e práticas. A reconstrução do Partido fez-se contra os grupos: contra a sua natureza de seitas pequeno-burguesas; contra as suas deformações do marxismo-leninismo; contra os seus hábitos de trabalho, de direcção e de organização; contra a sua ignorância e incapacidade políticas. Esta luta contra o grupismo (termo que resume todas as características dos grupos contrárias ao Partido) foi de tal modo difícil e longa que durou até ao desencadear do movimento de revolucionarização e continua ainda hoje.

É assim, evidente que o Partido nasceu por oposição e negação dos grupos e em consequência do surgimento na cena política portuguesa de um sector operário de vanguarda que se demarcou do revisionismo e entrou em choque com o grupismo pequeno-burguês. Para se afirmar, o Partido não se limitou a dissolver os grupos. Teve, por etapas, de os destruir em todos os aspectos: no plano ideológico, político, organizativo, e prático. Foi o que nos mostrou o movimento de revolucionarização e proletarização.

A particularidade de a corrente classista e revolucionária se ter manifestado dentro dos grupos pequeno-burgueses não deve turvar-nos a consciência de que ela era em tudo contrária ao grupismo e aos grupos, e que a sua aspiração a uma direcção única apenas em palavras coincidia com as proclamações dos grupos sobre a reconstrução do Partido. Tal particularidade não pode tão pouco servir para concluir que os grupos não seriam tão maus como os pinam, uma vez que teriam permitido no seu interior o crescimento das forças pró-Partido. A questão está em perceber que se travou uma luta entre forças, social, política e ideologicamente diferentes, com objectivos de classe antagonicos: de um lado sectores da pequena burguesia radical, mascarados com falsificações do marxismo-leninismo; do outro, sectores de vanguarda da classe operária que precisavam efectivamente do marxismo-leninismo e do Partido para prosseguirem as lutas em que estavam empenhados. Admitir que o Partido foi o prolongamento e a consequência dos grupos pelo facto de os militantes terem sido inicialmente os mesmos, é uma confusão equivalente àquela outra que vê no partido revisionista o continuador do velho PCP, só pelo facto de os militantes e os principais dirigentes terem vindo da época anterior à traição revisionista.

3. Ora, a conceção expressa no artigo do camarada AL é justamente esta. Diz ele que "não podemos apagar" a era dos grupos porque "deles recebem também os combatentes temperados por amor da luta clandestina contra o terror fascista." A única diferença que vê entre o Partido e os grupos é que estes "organizavam mal" a luta; "conjugavam mal" o marxismo-leninismo com o movimento de massas.

Não se trata, porém, de "apagar" a era dos grupos. Bem pelo contrário, o que as resoluções do Comité Central, desde a 3ª Reunião Plenária até hoje têm feito é justamente giv-

var o que foram os grupos, como foi nefasta a sua acção durante 12 anos em que a classe operária ficou sem Partido, como eram erradas as suas concepções como eram contrárias a um partido leninista. Foi só após a reconstrução do Partido, e sobretudo, com a revolucionarização que tomámos consciência do que era o grupismo e nos começámos a aperceber do significado de 12 anos de grupos dominados pela pequena-burguesia. São posições como as do camarada AL, esbatendo as diferenças radicais entre os grupos e o Partido e até enaltecedo méritos que os grupos não tiveram, que contribuem para "apagar" a era dos grupos, isto é, para passar em silêncio os crimes cometidos pelos grupos contra o movimento revolucionário em Portugal.

É de nada serve fazer, como o camarada AL, comparações com os partidos de Lenin, de Enver Hoxha ou de Mao Tsetung. Em primeiro lugar, porque as comparações feitas são enganosas e não permitem concluir que todos os partidos nascem de "grupos", como se de uma lei de formação dos partidos comunistas se tratasse. Em segundo lugar, porque a questão está em saber o que significaram e o que fizeram os grupos aqui em Portugal e saber se foi o seu trabalho que levou ao Partido ou se foi contra eles que o PC surgiu.

A crítica ao grupismo feita pelo movimento de revolucionarização aponta claramente no segundo entido. Mais: a luta contra o grupismo pequeno-burguês, que teve a primeira grande vitória na reconstrução do Partido, tem de prosseguir, como afirma o projecto de resolução, "sem abrandar um só momento". O fim dos grupos não se traduziu automaticamente no fim do grupismo. Este manifestar-se-á sob formas sucessivamente novas até que esteja completamente o combate às concepções ideológicas e às práticas dos grupos. Mas, não é com a posição ambígua e conciliadora do camarada AL a respeito dos grupos pequeno-burgueses que tal combate se poderá travar vitoriosamente. Pretender salvar alguma coisa dos grupos só porque são "um pouco da nossa história" é lançar uma capa sobre os restos do grupismo ainda existente no Partido e impedir a liquidação definitiva do flagelo. Foi com luta intransigente e não com saudosismos que Bento Gonçalves, de 1929 a 1935 dirigiu a liquidação dos hábitos e das ideias anarco-sindicalistas que tinham minado o velho PCP desde a sua fundação em 1921. Devemos aprender com este exemplo.

Não é, pois, por "gostarmos" ou "não gostarmos" dos grupos, como diz o camarada AL, que devemos dar combate às suas manifestações. É porque não temos "orgulho" nem nos grupos e porque a visão marxista-leninista do Partido e da revolução nos impõem como tarefa obrigatória varrer os escolhos que o radicalismo pequeno-burguês nos lança ao caminho.

Saudações Comunistas

Bj

NOTA: Conto enviar proximamente um outro texto de crítica à Segunda Parte do artigo do camarada AL, nomeadamente a respeito da questão da OCMLP.

NOTA

Chamamos a atenção dos camaradas para o facto de algumas das cartas que nos têm sido enviadas não virem identificadas com o pseudónimo de quem as envia.

Assim, é necessário que os organismos ou os camaradas que enviam as suas contribuições, para além do nº de código enviem por extenso o pseudónimo.

Comissão de Redacção TC

em "organização" e em "conjuração do marxismo-leninismo com as lutas do povo" no sentido que Lenine lhes dá, isto é, no sentido de Partido? Parece evidente que não. Quanto aos "combatentes temperados por anos de luta clandestina" teremos em boa verdade de reconhecer que não foi muita nem a sua quantidade nem a sua qualidade. Sem diminuir em nada a dedicação, os sacrifícios e os dotes pessoais de alguns desses camaradas, teremos de reconhecer, no entanto, de um ponto de vista de partido, que a sua qualidade política estava necessariamente deformada pela prática grupista. A respeito da quantidade, diremos apenas que o número total de militantes de todos os grupos ditos mal devia chegar, no dia 24 de Abril de 1974, a uma centena...

Todos os grupos em Portugal, sem excepção, tiveram uma prática que, longe de conduzir à reconstrução do Partido Comunista, os levava a perpetuar o sectarismo e a divisão. Doze anos são prova suficiente.

E de nada serve fazer, como o camarada AL, comparações com os partidos de Lenin, de Enver Hoxha ou de Mao Tsetung. Em primeiro lugar, porque as comparações feitas são enganosas e não permitem concluir que todos os partidos nascem de "grupos", como se de uma lei de formação dos partidos comunistas se tratasse. Em segundo lugar, porque a questão está em saber o que significaram e o que fizeram os grupos aqui em Portugal e saber se foi o seu trabalho que levou ao Partido ou se foi contra eles que o PC surgiu.

A crítica ao grupismo feita pelo movimento de revolucionarização aponta claramente no segundo entido. Mais: a luta contra o grupismo pequeno-burguês, que teve a primeira grande vitória na reconstrução do Partido, tem de prosseguir, como afirma o projecto de resolução, "sem abrandar um só momento". O fim dos grupos não se traduziu automaticamente no fim do grupismo. Este manifestar-se-á sob formas sucessivamente novas até que esteja completamente o combate às concepções ideológicas e às práticas dos grupos. Mas, não é com a posição ambígua e conciliadora do camarada AL a respeito dos grupos pequeno-burgueses que tal combate se poderá travar vitoriosamente. Pretender salvar alguma coisa dos grupos só porque são "um pouco da nossa história" é lançar uma capa sobre os restos do grupismo ainda existente no Partido e impedir a liquidação definitiva do flagelo. Foi com luta intransigente e não com saudosismos que Bento Gonçalves, de 1929 a 1935 dirigiu a liquidação dos hábitos e das ideias anarco-sindicalistas que tinham minado o velho PCP desde a sua fundação em 1921. Devemos aprender com este exemplo.

Não é, pois, por "gostarmos" ou "não gostarmos" dos grupos, como diz o camarada AL, que devemos dar combate às suas manifestações. É porque não temos "orgulho" nem nos grupos e porque a visão marxista-leninista do Partido e da revolução nos impõem como tarefa obrigatória varrer os escolhos que o radicalismo pequeno-burguês nos lança ao caminho.

A etapa da revolução e a posição das classes nos campos do Norte e Centro

Camaradas:

O material que envio, pelas normas da Tribuna, vai dividido para dois artigos e, pela mesma razão, não faz a análise detalhada do peso de cada classe nos distritos rurais e da superfície que possuem das terras do Norte e Centro.

Mas aqui vai a ideia geral de cada distrito: O conjunto do se-

mi-proletariado rural mais os camponeses médios representam pelo menos 90% da população. A média burguesia rural uma minoria de 10%.

A terra na posse da média burguesia é mais de 40%. O semi-proletariado não tem mais de 10% da terra.

C

1. A etapa da revolução e a posição das classes nos campos do Norte e Centro

Em Portugal, a luta dos camponeses é pela democracia, pela independência, pela entrega da terra dos grandes proprietários aos trabalhadores agrícolas e camponeses pobres. Terra que eles muitas vezes têm de morto e que será entregue com rendas baixas ou como propriedade definitiva.

Trata-se aqui do problema da neutralização da camada pequeno-burguesa dos "Pequenos Proprietários de Terra", que não vivendo principalmente da exploração da terra, é dona de pequenos comércios, pequenas indústrias artesanais, aviários e a que pertencem também certos empregados e funcionários. Eles exploram a terra principalmente pelo arrendamento, embora empreguem trabalho assalariado nas terras que exploram directamente.

Trata-se ainda da neutralização da camada da Média Burguesia Rural, dos "Médios Proprietários de Terras", que vivem principalmente da exploração de trabalho assalariado, embora em pequena escala, das rendas, podendo ter pomares, aviários, resina, criação de ga-

A luta dos camponeses é também pelo progresso da agricultura, com o fim dos intermediários parasitas e pela prosperidade dos trabalhadores agrícolas, dos camponeses pobres e médios. (Ora isto significa enriquecimento, a pequena acumulação dos rendimentos da terra, que agora os grandes intermediários e os seus agentes roubam.).

Do mesmo modo, a necessidade de desenvolver as pequenas indústrias, que pertencem à pequena burguesia rural, para dar trabalho às famílias camponesas, apoiar o desenvolvimento agrícola, levantando a economia rural, é uma medida de carácter burguês (prossegue a exploração), mas nacional e democrática, porque se opõe aos interesses e dependência dos monopólios nacionais e estrangeiros, libertando embora os operários dos abusos do patrão (roubo de férias, salário inferior, etc.) e porque submeterá a produção a um plano nacional, que, no futuro, fará também a integração destas empresas no sector socialista, progressivamente, primeiro através dos processos de comercialização, depois pelo próprio investimento misto e no fim, pela compra de toda a empresa pelo estado socialista.

O princípio de actuação, será persuadir o pequeno industrial ou comerciante a integrar a sua empresa na produção colectiva, até à venda, de livre vontade, da empresa ao povo, garantindo ao proprietário um justo preço.

Do mesmo modo, os camponeses pobres e médios (proprietários de terras), serão persuadidos a organizar a produção colectiva, cooperando, sem perder a propriedade da terra, até que compreendam completamente a necessidade da produção socialista.

Processo de transição para o socialismo que durará o tempo necessário. A vitória da revolução democrática popular para os camponeses pobres e médios (pequenos proprietários), assegurará de imediato a venda dos seus produtos a um preço justo, eliminando os intermediários, além da posse de mais terra, sendo estas medidas de carácter democrático burguês, pois que se destinam a permitir a acumulação de rendimentos aos proprietários trabalhadores da terra, mas que têm também um carácter revolucionário, pois eliminam dos campos o principal aliado da grande burguesia e sustento da reacção, a "Média Burguesia Rural".

E os rendimentos dos camponeses já não serão obtidos à custa da vida cara dos trabalhadores das cidades.

A revolução é democrática e popular, pois que além do semi-proletariado rural — operários das zonas rurais, trabalhadores agrícolas e camponeses pobres

— conta com aliados seguros na pequena burguesia rural, a Camada Inferior dos Camponeses Médios, e um aliado a conquistar, na Camada Superior dos Camponeses Médios.

A camada pequeno burguesa dos Pequenos Proprietários de Terras e mesmo a camada inferior da Média Burguesia Rural — os Médios Proprietários de Terra — podem ser neutralizadas.

O golpe principal da revolução não é contra toda a burguesia mas contra a grande burguesia monopolista e a maior parte da média burguesia, detentores do poder de estado, sócios e aliados do imperialismo. (1)

Até 1960, a emigração serviu somente para que as famílias camponesas pudessem conservar as suas belgas e o número de camponeses sem terra, despossessados, crescia de ano para ano.

Mas a emigração de famílias inteiras para a rica França e Alemanha, assim como as pou-

panças de operários e empregados pobres, veio aumentar consideravelmente o número de camponeses proprietários, muitos dos quais subiram a pequeno burguesia rural, por já não terem necessidade de vender a sua força de trabalho ou de suportar as rendas pesadas dos proprietários das terras. (2)

Mas a dominação dos intermediários (3), em primeiro lugar, a falta de apoio do estado e os métodos antiquados de trabalho, transformam os camponeses médios (camadas inferior e superior), em moiros de trabalho, sem uma digna compensação, transforma-os em inimigos dos monopólios comerciais e da Média Burguesia Rural, do seu estado protector.

Eles exigem a medida democrática, a caminho do socialismo, da comercialização dos seus produtos, a preço justo, por uma empresa nacional, que vá até às aldeias buscá-los. Exigem apoio técnico do estado. Exigem a venda a preços justos de semente, adubo, rações, alfaias. Preço garantido na sementeira. Seguro.

A posse de parte da terra por outras famílias que se conservaram camponeses pobres e mesmo pelos operários das zonas rurais, criou uma mentalidade geral de respeito pela propriedade da terra, que só vacila perante as terras que os grandes proprietários deixam de morto, na ganância de rendas altas. De modo diferente pensam os trabalhadores das grandes Casas Agrícolas, que constituem a verdadeira vanguarda dos camponeses.

Mas é claro que continuam a existir grandes proprietários agrícolas, que têm vindo a concentrar a terra (4). A Média Burguesia Rural, mais a camada superior dos Camponeses Médios e os Pequenos Proprietários de Terra, cujo número não deve ser superior a cinco por cento da população das zonas rurais de Aveiro, Braga, Bragança, Coimbra, Guarda, Leiria, V. do Castelo, V. Real e Viseu — esta minoria, possui cerca de 70% (setenta por cento) da terra, pelo menos (5).

Conforme o industrial ou

comerciante desenvolve os seus negócios, assim passa para a Média Burguesia Rural, minoria que domina a vida económica e política das vilas e cidades rurais.

A classe operária, que em todos os distritos rurais já se concentra em algumas fábricas ou empresas de mais de 500 operários, e conta com dezenas de milhares de elementos nas zonas rurais, tem a mulher e os filhos a trabalharem nas terras como rendeiros e algumas belgas pequenas da família, trabalhando os próprios operários a terra nas horas vagas.

Têm pois famílias muitas características dos camponeses, quer pela sua actividade ainda dependente da terra, quer pela posse de alguma terra e sobre tudo, pelas suas ideias e sentimentos.

C

(1) O roubo do vinho do Porto por empresas inglesas de comercialização. A madeira e a resina exportadas quase em bruto para os monopólios ingleses.

Os grandes armazéns de vinho com capital estrangeiro, etc.

(2) Os inquéritos agrícolas burgueses, assinalam a diminuição do número de "Isolados", de dez em dez anos, ao longo do fascismo. A esta categoria pertencem os camponeses pobres e a camada inferior dos Camponeses Médios e também alguns da camada superior. Ora, a partir de 1950, a evolução do seu número no total da população agrícola activa é o seguinte:

1950 — 268,7 milhares — 19,1%
1960 — 275,2 milhares — 21,2%
1970 — 328,9 milhares — 36,7%

(3) A Média Burguesia Rural controla a maior parte das "Cooperativas", possui grandes armazéns de produtos agrícolas, faz o comércio dos adubos, etc.

(4) Evolução do número de patrões na agricultura, a partir de 1950:

1950 — 136 541 — 9,7% da População Activa Agrícola no Continente
1960 — 76 270 — 5,9% da População Activa Agrícola no Continente

1970 — 17 100 — 1,9% da População Activa Agrícola no Continente

(5) Conclusão a que se chega pela análise de classes nas regiões rurais de Portugal, utilizando também os Inquéritos Agrícolas do INE desde 1950. No artigo seguinte diz-se quais são as classes, o que as diferenças e que terra possuem.

SOBRE OS NOMES DO PARTIDO

Neste primeiro ano de existência do nosso Partido reconstruído, muitas células e organismos adoptaram os nomes de grandes dirigentes marxistas-leninistas e de heróis do movimento comunista internacional. Isto é muito positivo para educar o nosso Partido num firme espírito internacionalista. Contudo, tenho notado que os nomes dos organismos partidários evocam ainda pouco as figuras mais destacadas da nossa revolução.

Penso que tem uma grande importância para o amadurecimento político do nosso Partido retomar e fazer reviver as tradições de luta do nosso antigo PCP e os seus heróis. Nomes como os de Ferreira Marquês,

DOS ORGANISMOS

Vieira Tomé, Germano Vidal, Alfredo Caldeira, Ferreira Soares, Manuel dos Santos, Almeida Martins, etc, ainda não foram adoptados por organismos do nosso Partido, talvez porque na maioria dos casos se desconheça aquilo que foram e as circunstâncias em que deram a vida perante o inimigo de classe.

Proponho que o Comité Central aproveite o processo do Congresso para popularizar as figuras destes heróis e para que os seus nomes possam ser adoptados por organismos do nosso Partido.

Saudações comunistas
B.
6 de Fevereiro de 1977

AS CLASSE SOCIAIS NOS CAMPOS DO NORTE E CENTRO

Introdução.

A classe operária existe nas zonas rurais. Concentrada mesmo em fábricas ou empresas com mais de 500 operários. Só nos distritos de Viseu e Guarda o número destas é de cerca de uma dezena. Mas, nas zonas rurais, os proletários puros, praticamente só existem nas zonas industriais mais antigas, Covilhã, centros têxteis do Minho, Coimbra, Marinha Grande... Dezenas e centenas de milhares de operários, de empresas grandes, pequenas e médias, são rendeiros de pequenas belgas.

SEMI-PROLETARIADO TRABALHADORES AGRÍCOLAS: OS RESINEIROS

Vendem a sua força de trabalho como principal meio de subsistência; ao dia, à semana, 9 meses (resineiros), ao ano. Trazem alguma terra de renda e quase não possuem terra.

CAMPONESES POBRES:

Têm de vender regularmente a sua força de trabalho. Porque a terra é pouca, têm de tomar a maior parte de renda. Alguns são mais rendeiros que jornaleiros, outros vão dar mais dias fora que em casa, mas a mulher e os filhos ficam também a trabalhar mais em casa. Por este

facto pertencem ao campesinato pobre e não aos trabalhadores agrícolas.

PEQUENA-BURGUESIA RURAL

CAMPONESES MÉDIOS, CAMADA INFERIOR:

Não vendem a sua força de trabalho e isto diferencia-os da classe anterior, mas também não a exploram. Trocam trabalho, sobretudo entre família e vizinhos e servem-se sobretudo do trabalho familiar.

Podem trazer algumas terras de renda, mas uma superfície sem importância.

CAMPONESES MÉDIOS, CAMADA SUPERIOR:

Também não vendem a sua força de trabalho e trocam trabalho. Mas utilizam em pequena escala trabalho assalariado, sobretudo aquando dos grandes trabalhos agrícolas.

Servem-se sobretudo dos braços da família, nunca trazem mesmo nas épocas de maior trabalho, mais do que 2 ou 3 trabalhadores e por pouco tempo.

PEQUENOS PROPRIETÁRIOS DE TERRAS:

Não vivem principalmente da terra. São donos de pequenos comércios ou empresas artesanais, de pequenos aviários. Exploram a terra principalmen-

te pelo arrendamento. Exploram o trabalho assalariado regularmente, pois quase não trabalham na terra a não ser em serviços leves, mas em pequena escala. Pertencem-lhe certos empregados e pequenos funcionários.

MÉDIA-BURGUESIA RURAL MÉDIOS PROPRIETÁRIOS DE TERRAS:

Vivem principalmente da exploração da terra, com trabalho assalariado em pequena escala e rendas, podendo ter pomares, resina, aviários, criação de gado...

GRANDES PROPRIETÁRIOS DE TERRAS:

Não vivem principalmente da exploração do trabalho assalariado e das rendas explorando empresas pequenas e médias, armazens (Serraço, armazens de vinhos, de material de construção civil). São accionistas de grandes empresas, embora sem terem grande influência nelas. Nela se incluem médicos, enge-

nheiros, etc. muitas vezes a viver longe das suas terras.

OS MAIORES PROPRIETÁRIOS DE TERRAS:

Mas que apesar disso não vivem principalmente do trabalho assalariado rural ou das rendas, embora tirando da terra grandes rendimentos.

Concentram a propriedade nas vilas e cidades das zonas rurais: armazens, casas, indústrias, comércio. São muitas vezes médicos, engenheiros, etc... São muitas vezes accionistas de grandes empresas, sem influir nelas.

OS GRANDES SENHORES DAS CASAS AGRÍCOLAS:

Estão muitas vezes ligados à grande burguesia monopolista, por laços de família ou por sociedade.

Trazem diariamente assalariados agrícolas, algumas dezenas em média diária e também exploram com as rendas da terra, das casas, o aluguer de máquinas...

Ci

A QUESTÃO DA UDP

A nossa célula, embora não tenha ainda concluído o estudo e o debate sobre o projecto da Resolução Política do CC para o II Congresso do nosso Partido, decidiu levantar desde já na Tribuna do Congresso a questão da UDP, que nos parece de certa importância.

Estranhamos que praticamente não se fale da UDP ao longo de todo o projecto, quando todos sabemos o papel que desempenhou nos acontecimentos e as dúvidas que se levantam actualmente no nosso Partido acerca da política a seguir quanto à UDP.

Pensamos que se esta questão fosse omitida na Resolução Política do Congresso haveria a tendência para continuar na indecisão em que se tem vivido desde as eleições presidenciais, com prejuízos cada vez maiores para a actividade do nosso Partido e para os próprios activistas da UDP, correndo-se o risco de muitos deles se desorientarem e se perderem para a luta.

Parece-nos indispensável que o Congresso trace sem mais demoras uma solução política para a questão da UDP e uma todo o nosso Partido para a levar à prática.

Nesse sentido, adiantamos algumas propostas concretas:

1) Deveria incluir-se um pequeno ponto de balanço do que foi a UDP e às condições em que nasceu. Quanto a nós, esse balanço deveria apontar os aspectos negativos da UDP (principalmente o seu agitativismo esqueridizante) mas deveria também salientar o que fez de positivo na aglutinação das forças revolucionárias. Parece-nos que se deveria dizer que as limitações e desvios da UDP foram fruto da inexistência do nosso

Partido e da influência do grupo pequeno-burguês. É sobre este que se deve concentrar o fogo, como faz justamente o projecto de Resolução, e não sobre a UDP. Parece-nos que não se deveriam lançar sobre a UDP culpas que não lhe cabem.

2) No Cap. IV (Táctica) deveria dizer-se que a UDP não tem condições para vir a transformar-se na ampla frente de massas de que o nosso Partido e o nosso povo necessitam, devido às suas limitações de origem. A experiência tem mostrado que o MUP, apesar das suas dificuldades, tem um potencial político muito superior ao da UDP e consegue penetrar em sectores populares onde a UDP nunca entrou.

A UDP perdeu já a razão de ser e deve ser dissolvida, pois só isso permitirá ao nosso Partido concentrar os seus esforços na edificação do MUP como uma grande frente de massas. A dissolução da UDP não é difícil, dada a grande influência política do nosso Partido no seu seio.

3) As condições necessárias para se poder dissolver a UDP parecem serem duas:

a) Que a direcção política do nosso Partido no seio do MUP se faça sentir de forma mais efectiva, através duma actividade organizada, audaciosa e persistente dos militantes do Partido em todos os escalões do MUP.

b) que se faça uma ampla discussão com todos os activistas da UDP, de modo a ganhá-los para as posições do nosso Partido e a transformá-los nos mais activos obreiros do MUP.

6 de Fevereiro de 1977
Saudações Comunistas

a célula "Carlos Danielli"



AUMENTAR O COMBATE AO REVISIONISMO!

Temos uma estratégia e uma táctica que a prática tem demonstrado ser justa. Se alguns resultados (como nas Autarquias) são negativos, isso é fruto de má compreensão da táctica e do mau trabalho de alguns ou mesmo muitos militantes e não devido à táctica do Partido que o nosso CC nos tem aconselhado e que vem mais detalhadamente no Projecto de Resolução Política.

A nossa táctica como diz o Projecto de Resolução "deve ser ampla e não estreita". Isso implica que ao mesmo tempo que o nosso Partido aponta o justo e único caminho para se fazer a revolução e chegar ao socialismo, quanto a mim, quer dizer também que é uma táctica que o não ser bem assimilada por todo o Partido pode trazer desvios ao Partido e portanto graves prejuízos à democracia popular e ao socialismo.

Camaradas, como aponta o Projecto de Resolução, sem a desagregação dos revisionistas não é possível haver revolução. Ora, segundo penso, o Projecto de Resolução não tem isso em conta.

Nas "lições do processo revolucionário" acho que o papel dos revisionistas tal qual é explicado por exemplo na lição 11^a dá a entender que eles são apenas reformistas e não inimigos declarados, com métodos fascistas de trabalho, do povo português.

No capítulo I, ponto 14, a Resolução não aponta Vasco Gonçalves como um agente do social-imperialismo, mas apenas

como um reformista que era mais ou menos manipulado pelos revisionistas. Se Vasco Gonçalves enquanto esteve no governo, apenas se preocupava em defender os revisionistas e o imperialismo russo e para isso traí os interesses do povo português, não era nem mais nem menos que um agente do social-imperialismo russo em Portugal e portanto deve ser apontado como tal. Um camarada que escreve na TC n°5 diz que Vasco Gonçalves tem uma certa popularidade e "mais não sei quê". Isso não quer dizer que perante este facto devamos afrouxar a nossa luta ou esconder a verdade.

No que se refere às eleições para a Assembleia Legislativa ponto 22, não se aponta o erro principal da campanha da UDP. O nosso Partido e a UDP não souberam demarcar-se dos revisionistas e chegámos mesmo a conciliar com eles. Por exemplo onde trabalhei muitos simpatizantes da UDP votaram nos revisionistas "por ser um partido maior, com mais possibilidades", não vendo a diferença que fez entre uma coisa e outra.

Não se mostra o carácter social-fascista dos revisionistas. Por exemplo: não foi em grande parte o carácter social-fascista dos revisionistas que levou ao afastamento de muitos camponeses do Centro e Norte do país da revolução, pô-los contra o 25 de Abril, atirando-os assim para as mãos dos fascistas?

Camaradas: Uma das coisas que levou o PCP à degeneresc-

ência foi a falta de formação política dos militantes proletários revolucionários. Ora o nosso Partido com uma táctica tão ampla como a nossa, que pretende abranger todos os sectores antifascistas, não conhecendo o carácter social-fascista dos revisionistas, leva à conciliação com eles e pode inclusivamente levar novamente à degenerescência. A prova que isso leva à conciliação com os revisionistas vêem-se por exemplo nas autarquias locais em que militantes do Partido votaram na "FEPU".

É evidente que quem foi arrastado pelos revisionistas não compreendia a táctica do Partido. Mas: "com o revisionismo não há conciliação possível", não é difícil entender. Tem de haver alguma coisa que não está bem. É que para além dos camaradas saberem que com o revisionismo não pode haver conciliação, é preciso que saibam o que é o revisionismo.

Os simpatizantes do Partido tendem a seguir as posições dos militantes. Se estes não apontam os revisionistas como fascistas com palavreado socialista, é lógico que entre uma alternativa social-democrata e uma alternativa revisionista, eles sejam arrastados para os revisionistas. É a culpa de quem é?

Depois de maus resultados como nas autarquias, eleições na fábrica, etc., da análise que se faz ressalta sempre: conciliámos com os revisionistas! Ora chegando a esta conclusão o nosso dever é cortar o mal pela raiz, ver as causas que nos levaram a

conciliar com eles, para podermos superar esta erva daninha.

Quanto a mim a conciliação com os revisionistas deve-se ao facto de não se saber o que é revisionismo.

Muitos camaradas vêem os revisionistas apenas como reformistas que se querem aproveitar da luta do povo para pôr cacos social-imperialistas russos.

Quem é que no 25 de Novembro aproveitando a justa luta dos "páras" como carne para canhão das suas manobras traíu imediatamente tanto os paraquedistas como todo o povo português? Apenas isto chega para mostrar que os revisionistas são inimigos do povo português, que para servir os interesses dos seus patrões russos não se importam que o povo português tenha que suportar uma guerra civil. Por isso entendo que se deve DIZER O QUE É O REVISIONISMO, qual a sua verdadeira face.

A termos em conta que devemos lutar contra a grande burguesia, o imperialismo, os grandes agrários... e para que isso seja feito é preciso desbaratar os revisionistas. Também se pode concluir que os revisionistas são um mal menor, que não são inimigos do povo português e que apenas são incapazes de dirigir a revolução, ou são contra a democracia popular.

Que todo o Partido conheça o carácter social-fascista dos revisionistas, para que nunca mais haja conciliação com esses inimigos jurados do povo.

Mo.

A UDP, O MUP E A UNIDADE POPULAR

—Ao analisar o Capítulo IV do Projecto de Resolução Política pareceu-me haver algumas insuficiências no que toca às tarefas da Unidade Popular.

Por outro lado parece-me uma falha grave o facto de não se fazer qualquer referência ao papel e futuro da UDP.

1. MUP — No 7º ponto desse capítulo traça-se a "política do Partido na construção da Frente Popular". Se por um lado estou completamente de acordo com as perspectivas apontadas, por outro lado parece-me que essas perspectivas descrevem pouco ao concreto e pouco adiantam sobre como vamos aplicar essas perspectivas nas estruturas do MUP.

A situação organizativa do MUP é bastante fraca. Na minha região se a implantação do MUP já era fraca, após a campanha das autarquias a sua influência tem sido praticamente nula. Como superar este estado de coisas? Como pôr a funcionar os GDUP e as estruturas do MUP? Como transformar o MUP numa ampla frente popular de massas? Na minha região e em especial nas zonas rurais, estamos a actuar do seguinte modo: reuniões com os activistas do MUP e os camaradas das listas de UP, para discussão dos

problemas concretos da zona e transformação das listas dos GDUP concelhios, que elegem uma coordenadora com 4 ou 5 activistas dos mais reconhecidos na zona. O GDUP reune, por exemplo, de mês a mês e a Coordenadora dirige o trabalho nesse espaço.

Eu penso que esta é uma forma justa de actuar, pois se por um lado evita uma grande dispersão de forças por outro lado o MUP reúne os melhores filhos do povo e intervém sobre os problemas concretos de cada zona. Eu acho que os GDUP não devem ser uma coisa muito bem organizada, a reunir a todo o momento, mas sim estruturas amplas, que discutam os problemas da zona, organizem ações concretas na defesa dos interesses das populações locais. Todas as estruturas do MUP e em especial as Estruturas Distritais devem prestar particular atenção à venda do Boletim dos GDUP (diferente do actual), à divulgação das posições do MUP à agitação e propaganda.

Por razões análogas entendo que não devemos incentivar GDUP por fábrica ou empresa, mas sim por zona industrial, que permitam uma maior capacidade de intervenção e alargamento da nossa influência.

Eu acho que o grosso dos militantes do nosso Partido, ainda não apostaram definitivamente no MUP como o embrião da grande frente popular de massas e mantêm-se numa posição de expectativa a ver no que isto vai dar. Só a título de exemplo, como se comprehende que só uma estrutura do MUP, a CD de Lisboa, se tenha manifestado publicamente contra a recusa da entrada do nosso Partido na CNUP. Este facto é elucidativo do desprezo que temos dado às tarefas da Unidade Popular.

Como diz o nosso CC "a construção de uma ampla frente popular de massas tem para o nosso Partido uma grande importância política e revolucionária". Se não compreendermos isto e o pusermos na prática de certeza, camaradas, continuaremos a dizer que "o MUP não se afirmou como a alternativa nacional do povo pobre".

2. UDP — Camaradas: a UDP continua hoje a ter um importante papel a cumprir.

É ou não verdade que muitos dos militantes do PCP(R) o são, devido à sua simpatia pelas posições da UDP? É ou não verdade que largas massas do nosso povo têm um grande sentimento de simpatia pela UDP e

pelo camarada deputado? Que ainda hoje, como na minha região, há operários que se querem organizar na UDP e que a "Voz do Povo" é um bom jornal de massas que tem desenvolvido grande papel na divulgação das posições do Partido? Eu penso que a UDP não deve desaparecer, nem se diluir de imediato no MUP. Isso seria passar um cheque em branco a uma organização ainda não consolidada, com grandes hesitações e conciliações.

A UDP deve continuar a existir como organização com intervenção própria, canalizando todos os esforços para o desenvolvimento do MUP, uma maior difusão da "Voz do Povo" e aumentar de prestígio do PCP(R). Eu acho que a UDP deve realizar o seu III Congresso, donde saia uma plataforma de condições para a sua diluição no seio do MUP. Desses condições saliente: a) Definição de uma política clara do MUP face à política de traição dos revisionistas e à política aventurista dos grupelhos radicais p e q u e n o o - b u r g u e s e s . b) Exigência da entrada do PCP(R) na CNUP.

Saudações comunistas
D

PROPOSTA DE ALTERAÇÕES

Camaradas:

As propostas de alteração ou as sugestões que a seguir apresento foram discutidas na célula a que pertenço e tiveram o acordo na generalidade dos restantes membros da célula. Esses camaradas consideram, no entanto, que eu deveria enviar a título individual, esta contribuição já que nos parecia que, de acordo com o Regulamento, as contribuições para a T.C. deveriam ser assinadas individualmente e dado que fora eu que apresentei na célula estas sugestões.

As propostas que apresento dizem respeito à Tese I do Projeto de Resolução Política e incidem principalmente sobre os termos utilizados para designar certas correntes políticas. Penso que esta tese tal como todas as outras, está muito bem elaborada, mas que os camaradas que a redigiram, ao contrário do que se passa com as outras, não foram nesta suficientemente vigilantes na terminologia utilizada.

1) Os revisionistas são designados um número esmagador de vezes simplesmente por cunhalistas e apenas meia dúzia de vezes por revisionistas. (Note-se que só nesta Tese I assim sucede).

O termo "cunhalistas" surgiu em Portugal em consequência da incorreção política que consistia na UDP, não sendo uma organização marxista-leninista, designar pelo termo revisionistas os chefes renegados do partido revisionista de Cunhal e cia. O termo "cunhalistas" é portanto um termo preferencialmente utilizado pela UDP, de carácter frentista e com significado apenas em Portugal.

O nosso Partido como partido marxista-leninista deverá usar preferencialmente o termo "revisionista" (para designar clique dirigente de Cunhal, etc.), termo com significação política e ideológica profunda e que faz parte da terminologia internacional dos comunistas.

2) Nesta tese I os partidos CDS e PPD são designados simplesmente por "os partidos da direita" ao contrário de toda a literatura quer anterior quer posterior (do partido e da UDP) à publicação deste projeto de resolução em que esses partidos são e bem, quanto a mim, tratados de partidos fascistas ou direita fascista.

Na verdade e se bem que o PPD talvez não se possa considerar um partido fascista (mas sim fascizante dado por exemplo, a existência no seu seio de uma ala mais ou menos liberal ligada ao jornal "Expresso" o que é certo é que ao CDS e ao PPD, como marionetes do imperialismo norte-americano, pela ligação de muitos dos seus dirigentes com o regime fascista anterior e pela sua íntima participação com os terroristas fascistas do Continente e das Ilhas (aqui também separatistas), cabe-lhes bem, aos olhos da classe operária e do Povo (de quem elas são ferozes inimigos) a designação de fascistas.

Assim, entre muitos outros exemplos nesta Tese I um dos títulos (Ponto 22) é A Derrota da Direita nas Eleições Legislativas quando deveria correctamente estar A Derrota dos Fascistas nas Eleições Legislativas.

Lembremo-nos, a este propósito, que no próprio dia dos

resultados dessas eleições, os camaradas da UDP, Acácio Barreiros e Afonso Dias frisaram bem que a vitória dessas eleições tinha sido a derrota dos fascistas, se bem que o Povo ainda tivesse votado maioritariamente nos partidos conciliadores e traidores da luta do Povo. Recordemos ainda a intervenção do camarada Filipe Faria da UDP que nesse mesmo dia, numa mesa redonda na TV, com dirigentes do CDS, PPD e PS denunciou com energia e vigor os dois primeiros como partidos fascistas, e que caiu bem no fundo no coração do Povo, que nessa noite, estava, por todo o País diante dos televisores. Essa sua brilhante intervenção, aplaudida pelas massas deu um novo e maior prestígio àquele que a UDP já tinha conseguido desde o seu aparecimento.

Ao longo de toda esta Tese I consideram-se nos inimigos do Povo três sectores (principais), que é correcto, mas incorrectamente designados (ex ponto 13, 1º parágrafo: "...disputa entre os social-democratas, os partidos da direita e os cunhalistas) já sem falar no termo cunhalistas, a designação de "os partidos da direita" para o CDS e PPD é, pelo que atrás é explicado, incorrecta. Não querendo ter a miopia política de tratar esses 3 sectores inimigos pela mesma bitola, temos de ver que, do ponto de vista da Revolução, havendo uma Direita e uma Esquerda, todos esses 3 sectores como inimigos da Revolução são naturalmente todos de Direita, apesar de pintados com diferentes cores, de servirem diferentes sectores da burguesia e de estarem subordinados a diferentes imperialismos.

Parece-me que, quanto muito, uma terminologia deste tipo poderia ser utilizada na fase em que estamos, para o MUP e não para o Partido de Vanguarda da classe operária, científicamente armado do marxismo-leninismo.

Ainda ligado a isto não me parece muito correcto dizer-se no ponto 6, 2º parágrafo: "A clique cunhalista...e conservar a confiança de grandes massas trabalhadoras, a quem aparecia como única força organizada de esquerda". Penso que seria mais correcto, para evitar más interpretações, ficar "A clique cunhalista...e conservar a confiança de grandes massas trabalhadoras, a quem surgiu como a única força organizada, tida ainda por esquerda pelas massas".

3) Pela primeira vez na literatura do Partido e da UDP é utilizado o termo "Gonçalvismo" para designar a política reaccionária de Vasco Gonçalves (Ponto 14). Este termo gon-

calvismo — é um termo com demasiada conotação burguesa.

É um termo empregue pelos fascistas e social-democratas e que designa na sua linguagem, não só a política reaccionária de Vasco Gonçalves e dos revisionistas, como também, toda a grande movimentação popular revolucionária que antecedeu o 25 de Novembro. Por este último motivo parece-me altamente incorrecto que se use este termo de gonçalvismo "afecto" à burguesia pró-imperialista (occidental) e que se substitua por "A política reaccionária de V. Gonçalves" ou algo de semelhante.

4) A resposta do ponto 13 desta Tese I em que se diz no seguinte parágrafo: "As campanhas de dinamização do MFA que nada resolviam" penso que se poderia acrescentar algo de importante.

As campanhas de dinamização do MFA não só nada resolviam como em grande número de aldeias do Norte ofenderam claramente a consciência política dos pequenos camponeses pela utilização de uma linguagem de vanguarda (de metas da Revolução, socialismo, colectivização, comunismo — ainda que muitas vezes fossem oficiais ligados aos revisionistas, falsos comunistas a discursarem). Não tendo os camponeses a maturidade política suficiente

para aceitarem estas ideias, todo este palavreado vanguardista só teve como efeito favorecer o fascismo e a contra-revolução, ajudando pois, objectivamente, a pôr os camponeses contra o processo revolucionário. Se juntarmos a isto e com grau ainda mais decisivo a corrupção dos cunhalistas...

5) (Esta quinta questão não chegou a ser discutida na célula).

Dado que alguns camaradas do Partido e principalmente em muitos camaradas da UDP tenho sentido dúvidas neste assunto, penso que nesta Tese I, talvez no ponto 18, deveriam ser incluídas as razões pelas quais no período imediatamente antes do 25 de Novembro, não havia condições para os revisionistas fazerem um golpe e instaurarem uma ditadura de fachada socialista, uma ditadura social-fascista.

Alonguei-me muito. Se os camaradas quiserem aproveitar algumas ideias, resumam, por favor.

VIVA O II CONGRESSO DO NOSSO PARTIDO!
VIVA O PCP(R)!

Camarada "M"
Célula 7 de Fevereiro

Algumas Sugestões

Camaradas:

Da leitura e estudo do Projeto de Resolução Política várias questões nos surgiram, que decidimos enviar-vos como propostas de acrescentamento:

Cap. de Estatutos:

1) Entre os objectivos da República Popular, constatamos que desapareceu o de Paz. Nós consideramos que esse objectivo deve ser acrescentado, pois na situação em que a Europa se encontra, de rivalidade entre as 2 superpotências principais, o perigo de guerra é real. A possibilidade de uma III Guerra Mundial subsiste. Contra a ameaça de guerra nós devemos opôr a PAZ, a luta pela Paz. Nós devemos deixar ficar em claro a nossa disposição de fazer guerra à guerra imperialista e mobilizar as massas contra ela, levantá-las em luta pela PAZ. Nós sabemos que as superpotências tudo farão para esmagar a Revolução. Contra elas nós resistiremos, expulsá-las-emos e imporemos a Paz.

2) No Cap. I, Art. 3º i) desapareceu "dando se necessário a vida". Achamos que os comunistas devem ser educados no amor ao Povo, na sua entrega total ao Povo "dando se necessário a vida".

3) Porque desapareceu a possibilidade de existência de secretário-geral?

Cap. I

1) O ponto 13, designa a ala

gonçalvista como "reformista e vacilante". Nós achamos que essa ala não era tão homogénea como isso. Se realmente havia um sector reformista e vacilante (Fabião?) não é menos certo que havia um sector mais aguerrido, de agentes do social-imperialismo soviético (Costa Martins, Rosa Coutinho, etc.). Não se distinguir estas diferenças pode-nos levar a graves erros de alianças indiscriminadas que meteriam no mesmo saco "reformistas e vacilantes" e agentes do social-imperialismo, criando graves ilusões nas massas.

Cap. III

1) No ponto 1., do 7º para o 8º parágrafos, há um "salto" brusco. Não se foca o papel da burguesia portuguesa durante a II guerra mundial. Refere-se que a burguesia lançou o povo na carnificina da I Guerra e a falta de referências à 2ª, pode criar nas pessoas o sentimento de que "Salazar nos livrou de outra carnificina" quando sabemos que isso não foi assim. A burguesia portuguesa foi também durante essa época lacaia. Serviu o imperialismo alemão (as minas de volfrâmio eram sua pertença) e estendeu a pata ao americano. Portanto, camaradas, nós propomos um acrescento referente à II Guerra Mundial e ao papel da burguesia portuguesa e do fascismo durante ela.

S.C.

LIÇÕES DO PROCESSO DE REVOLUCIONARIZAÇÃO E BOLCHEVIZAÇÃO

Todo o Partido neste seu primeiro ano de actividade e na preparação do seu II Congresso, deve analisar o processo de revolucionarização e bolchevização. Neste artigo pretendemos ver quais os frutos deste importante processo e dele tirar as devidas lições que poderão servir para todo o Partido.

1. Qual a situação do Partido nesta região antes do começo da revolucionarização e bolchevização?

Existia uma organização de grupo, cheia de erros e vícios pequeno-burgueses, sem espírito de Partido, virada completamente para dentro da cidade. O alargamento do Partido era feito a partir de uma prática amiguista, não existia a perspectiva de aumentar e implantar o Partido com base no trabalho da luta de massa.

Quanto ao trabalho no seio dos assalariados rurais, ele estava completamente abandonado. Existiam algumas pontas, mas não se apoiavam as suas lutas, esses poucos camaradas assalariados que já tinham ingressado nas fileiras do Partido da classe operária. Não tardou que estes militantes começassem a perder a confiança no Partido.

2. O início da campanha de proletarização e revolucionarização que se reflectiu imediatamente na divisão do antigo Comité Regional do Alentejo e Algarve em vários regionais foi um marco importante. No aspecto político, virou-se todo o Partido, contrariando a política anterior, para o caminho que nos conduzia para a questão fundamental — a Reforma Agrária.

Viramos decididamente as nossas forças para os assalariados rurais, organizando-se as pontas já existentes e colocando alguns militantes no trabalho de implantação no seio das cooperativas. Pela primeira vez, se começa a sentir dentro das nossas fileiras os problemas da Reforma Agrária; os problemas da classe, os assalariados rurais, são a partir de agora, o alvo da atenção principal do Partido no Alentejo.

3. Se no aspecto político o Partido começou a aparecer com novas forças, no aspecto organizativo as coisas já não correram desse modo. Assim:

a) Nos recrutamentos: não se soube orientar o alargamento do Partido para os dirigentes dos assalariados rurais — os homens de confiança da classe, de forma a constituírem-se células de cooperativa; os camaradas refugiaram-se nas vilas e aldeias limitando-se a organizar pontas já existentes, algumas nem eram constituídas por assalariados rurais, esquecendo-se do trabalho no seio das cooperativas. Em vez de células de cooperativa começaram a surgir cé-

lulas mistas.

b) No trabalho de massas: isolamo-nos em muitos casos da classe ao resistir a intervir diariamente na cooperativa; não se estudava as alternativas políticas concretas, saídas simples e claras para os problemas que surgiam na cooperativa de forma a que os trabalhadores nos vissem como defensores intransigentes dos seus interesses. Este isolamento levou à conciliação com os revisas. Nesta questão foi decisivo o efeito das cé-lulas mistas.

c) Demissionismo: começa a surgir em todos os camaradas que vieram fazer implantação uma crise de desânimo, seguida de fortes tendências demissionistas. Os camaradas não viam o trabalho na cooperativa como um trabalho persistente, mas antes como uma campanha temporária onde, ao fim de algum tempo, abandonariam o local. O isolamento das massas e os maus recrutamentos foram factores também decisivos neste desânimo. Esta questão trouxe consequências graves de desorganização que ainda se fazem sentir fortemente no seio do Partido.

4. Primeira lição: Trabalho persistente no seio das massas.

Só trabalhando lado a lado no seio dos assalariados rurais os poderemos conquistar para as justas posições do nosso Partido. É assim que a classe começará a distinguir os seus verdadeiros amigos daqueles que, como o partido do dr. Cunhal, servindo-se da sua luta os vão traíndo. Este trabalho persistente passa pelo conhecimento de todos os problemas da classe — quer na cooperativa, quer no Sindicato — passa pela firmeza dos comunistas em cada instante saberem apresentar as justas soluções.

Não se pode fazer este trabalho com base nas "perspectivas gerais" sem dar o máximo de atenção ao concreto. Não podemos deixar aos revisionistas a possibilidade de serem eles, na vida interna das cooperativas, no Sindicato, e perante as questões da Reforma Agrária, a apresentar as propostas e a conduzir a classe. E aqui que os comunistas ganharão o respeito do povo e o lugar que lhes compete na vanguarda de todas as lutas.

5. Segunda lição: Audácia nos recrutamentos, chamemos para o Partido os melhores filhos da classe.

Recrutemos os assalariados rurais das cooperativas, vendo aqueles que mais se distinguem pela sua firmeza na luta e pela sua ligação ao povo.

A nossa audácia está em mostrarmos a estes melhores filhos do povo o Partido da classe operária e isto faz-se com base no trabalho perseverante de educação política e pelo

nosso exemplo, como verdadeiros comunistas, em todos os instantes da luta na defesa dos interesses de classe.

6. Terceira lição: Mostremos o nosso Partido às massas, mostremos quem luta pela Revolução.

Mostrar o Partido às massas é, em cada luta por mais pequena que ela seja, fazer ouvir a voz da vanguarda da classe (é o comunicado do organismo, é o jornal mural...).

Mostrar o Partido às massas é, perante a classe, não esconder aqueles que como comuni-

tas lutam na vanguarda e que, em cada situação concreta, dirão aquilo que o Partido pensa e mostrão a justezas das suas posições.

Mostrar o Partido às massas é lutar contra as ideias de apertidismo que existem nas nossas fileiras, e diariamente nos demarcarmos dos revisionistas, não conciliando.

A certeza de aplicarmos estas três lições é a certeza de caminharmos em frente para a Revolução Democrática e Popular.

Q.

Viva a força de aço dos comunistas!

O nosso organismo ao analisar o que se passa na empresa em que trabalhamos, chegou à conclusão que a aliança operário-camponesa é fundamental para a unidade destes e para a vitória da revolução que temos que construir.

Aqui trabalham uma grande parte de funcionários que também trabalham na agricultura para poderem sobreviver. Assim, deixam as suas famílias nas aldeias e vivem uma vida de emigrantes dentro do seu próprio país.

Isto não acontece por mero acaso ou fatalidade da natureza, é provocado pelos capitalistas fascistas e seus lacaios; não investem no essencial porque querem o mais depressa possível o grande lucro para assim poderem alimentar a sua corrupção e conseguem mais: dividem os trabalhadores virando-os uns contra os outros, no caso da nossa empresa ainda não conseguimos o nosso ACT. Por estas e mais razões é preciso ganhar-se uma certa consciência de classe para compreender tudo isto e não ir em manobras.

Camaradas, pensamos que a aliança operário-camponesa não pode ser mais uma palavra vã, temos que analisar o mais profundamente possível se queremos fazer a revolução e para que ela triunfe. Os nossos operários são na grande maioria oriundos do campo, muitos deles até fazem as duas coisas, os emigrantes também o são e por quê?

Em primeiro lugar, as suas terras não lhes dão para viver porque, devido ao seu atraso que vem principalmente da religião, um casal ao fim de poucos anos tem 7 ou 8 filhos — por lhes serem escondidos os meios para os evitar, porque dizem ser pecado — e assim ficam na mais completa miséria sem reforma, assistência médica, escolas e habitação.

O pai que adora os seus vive

forçado a emigrar, a seguir irão os filhos, as terras que pouco davam por falta de quem trabalhe, passam a não dar nada.

Camaradas, isto não é a ganância como alguns infelizes lhe chamam, mas a fome, as doenças que a isso obrigam e quantas vezes nada se consegue a não ser sacrifícios e mais miséria!

Camaradas, tudo isto porque? Para os fascistas e todos os porcos, desde reformistas a social-fascistas, roubarem e temem campo de manobra para as traições e negociações.

Por tudo isto é que temos de levar à prática a aliança operário-camponesa; sabemos que é bastante difícil mas a revolução só com esses aliados sairá vitoriosa. Quem é que conhece os montes, as serras, não são os camponeses? Quem produz o que comemos, não são os camponeses? É preciso saber tratar com eles e tirá-los à influência de todos os caciões.

Para reforçar a nossa opinião, podemos dizer que há já vários anos, quando o governo fascista tentou levar à execução uma lei que obrigava que todos os vides do vinho americano (salvo seja) fossem todos cortados e proibida a sua plantação, os trabalhadores deram a devida resposta a esta barbaridade dos fascistas e toda a sua máquina repressiva não conseguiu vencer as forquilhas, as enxadas, os machados, as pedras, as serras dos camponeses. Esta luta teve grande incidência no Norte do país. Hoje, graças a essa grande luta e vitória que muitos desconhecem, há o vinho americano.

Por acaso não será dos melhores deste país. A sua produção é sempre da mais abundante, os apreciadores que o digam.

Ainda hoje é proibida a sua venda em grande escala. Por quê?

VIVA O QUERIDO PCP(R)!
célula Dimitrov

LUTAR PELO PARTIDO, FAZER A REVOLUÇÃO É MATAR O VELHO, EDIFICAR O NOVO!

Este é um momento alto da vida do nosso Partido. Este é também um ponto alto da vida do organismo a que pertenço.

Para que uma planta cresça é preciso preservar o terreno em sua volta das ervas daninhas. De contrário, mesmo que esse terreno seja tratado cuidadosamente, a planta cresce pouco porque as ervas não deixam que aconteça o contrário.

Numa célula cujo trabalho se caracterizou pelo predomínio directo do liberalismo pequeno-burguês, pelo mau trabalho comunista, pela conciliação com posições erradas surgidas de certos camaradas, é sem margem para dúvidas um momento alto este em que nós, raízes da mesma árvore, nos reunimos para discutir com abnegação alguma coisa que se relaciona com a vida do nosso querido partido.

Esta não foi uma discussão qualquer. A partir dela se levantaram muitas questões que terão directamente a ver com a vida interna deste organismo e que ficaram para ser comprovadas na prática diária futura. O caminho é vasto e largo o horizonte!

A compreensão clara dos erros cometidos até hoje só por si não basta, se não houver de futuro uma definição do nosso trabalho, que seja reflexo do trabalho geral do nosso Partido, um Partido Comunista e não um partido burguês onde há lugar para conciliação, a corrupção política e moral, a vida fácil e o abandono do trabalho de massas.

O tipo de relações entre nós existentes até hoje nem sempre primou pela lealdade e honradez, pela sinceridade e amizade combativas e comunistas que devem ser pedra de toque nas relações entre membros do Partido. A irresponsabilidade no tratamento com camaradas indecisos, a falta de conhecimento mútuo entre os camaradas do organismo, a falta de firmeza no tratamento com camaradas que, defendendo posições erradas tentaram lançar o descredo no nosso Partido, na UDP e no MUP, a falta de relatórios sobre o nosso trabalho nos órgãos populares de base, a falta de balanços sistemáticos que nos levassem a compreender donde vinham estes males para assim os combater até os extirpar no seio do nosso Partido, isolá-los das massas e desmascará-los politicamente foram os motivos principais que levaram o nosso organismo a nunca ter sentido o vento fresco da revolucionarização, a sentir a proletarização a tomar os seus membros, sementes lançadas à mesma terra, frutos da mesma planta.

Este é um momento em que é possível fazer compreender convenientemente bem do que se trata esse vento e porque deve atingir todos os frutos por igual, é possível provar a nossa

participação entusiástica no movimento e fazê-lo de tal modo que esta célula saia de entre estas quatro paredes onde está guardada para a rua, para a luta de massas, para a ligação ao povo da zona.

Nos punhos a força do Partido, no coração a vida do povo, e a sua luta, nos olhos o brilho da vitória, EM FRENTE!

Permanecer estreitamente ligado ao povo, é trabalhar para conquistar o seu carinho, a sua confiança, é actuar de forma a que ele nos estime e ame o nosso Partido. Nesta situação, todo o trabalho, por mais difícil que seja, será conduzido a bom termo e a vitória será certa.

Este é um momento em que começamos a ver claro estas questões, em que começamos a sentir-nos capazes de vencer as tendências que pertencem à burguesia e a ela devem ser entregues o mais rapidamente possível.

O nosso Partido, o PCP(R), não é um Partido onde haja lugar para o demissionismo! O nosso Partido não é um Partido onde haja lugar para hesitações!

Iniciamos agora aquilo que há meses tem sido feito no nosso Partido: A REVOLUCIONARIZAÇÃO E A PROLETARIZAÇÃO. Porque estas não são simples palavras para agitar inconscientemente é que isso nunca foi feito na nossa célula. O simples facto de agora, como nunca noutra altura, compreendermos minimamente uma série de erros que cometemos, quer dizer que chegou a hora para nós.

Chegou a hora de transformação radical no estilo de trabalho: trabalho comunista, revolucionário, de massas, em vez de trabalho fechado, burocrático, pequeno-burguês.

Chegou a hora de transformação radical no tipo de vida: vida modesta, simples, honrada e de devoção para com o partido e o povo, em vez da vida de submissão aos vícios da burguesia.

Chegou a hora de transformação radical no tipo de relações: relações comunistas, camaradas, de quem não tem nada a esconder, e em vez de relações pequeno-burguesas e amigas que levam à corrupção do trabalho, à degradação do trabalho colectivo, à destruição do espírito comunista que deve ter um membro do nosso Partido.

Chegou a hora de transformação radical no tipo de discussão, na organização, na divisão e controlo de tarefas, na aplicação concreta da linha do Partido na nossa zona.

Que isto nos alegre infinitamente! Esta é a melhor coisa que podia ter sucedido à nossa célula. Isto é a demonstração séria da nossa vontade ferrea de combater as tendências corrosivas da moral proletária, do espírito do Partido, da compreensão

são correcta da importância do nosso Partido para a vitória das forças do futuro contra as forças do passado, da sua importância para a vitória do povo sobre os seus inimigos, para a vitória da Revolução sobre a contra-revolução, da importância na compreensão do nosso papel na instauração da Pátria livre e independente, sem miséria nem opressão, onde só é combatido e esmagado pela mão ferrea da ditadura proletária quem é inimigo do Povo, a Pátria da Democracia Popular, a caminho do Socialismo, rumo ao Comunismo.

Esta hora chegou porque as forças proletárias vencem sempre num Partido Comunista que se guia pela doutrina científica de Marx, Engels, Lenine, Estaline e Mao Tsetung. Esta hora chegou porque o vento da revolucionarização penetra até ao coração dos comunistas e fazê-los sentir necessidades nunca sentidas. Chegou lentamente, é verdade, mas duma coisa estamos certos: a partir de agora as

forças e a ideologia proletária vencerão todas as barreiras que se lhes queiram opor!

Porque nós não vemos longe, vemos as árvores e não a floresta, vemos uma parte e não tudo, é que esta Assembleia nos serviu enfim para basearmos a discussão na prática e nas condições concretas da nossa zona e a partir daí ganharmos forças e firmeza em algumas horas que não tínhamos adquirido em meses de inactividade quase completa.

Os benefícios saídos desta Assembleia são infinitamente pequenos se este movimento não continua ininterruptamente! São imensas as nossas responsabilidades. Não recuemos nem vacilemos nunca mais! Todo o sangue pelo Partido!

Bx.

Nota: Acrescentamos na assinatura o X para diferenciar do camarada B. que já enviou artigos para a TC.

Comissão de Redacção TC

A discussão ganha intensidade

Camaradas:

O nosso organismo depois de ter discutido os dois projectos, o de resolução política e o dos novos Estatutos, vem através da Tribuna do Congresso contribuir para o actual importante debate no seio do partido com as principais resoluções e decisões (propostas) resultantes da assembleia da Célula dedicada à preparação do II Congresso do nosso Partido.

1. Quer na resolução política, quer nos estatutos vêm em vários pontos definida a questão das principais bandeiras de luta da Revolução Democrática e Popular e simultaneamente princípios cardiais da futura República Popular no nosso país: "LIBERDADE, PÁO, TERRA, INDEPENDÊNCIA NACIONAL". Porquê a exclusão da palavra PAZ?

Não compreendemos, achamos que foi erradamente suprimida. Ela deve, em nossa opinião, ser mantida, pois não se relaciona apenas a questões de ordem táctica (como o foi durante muitos anos a questão da guerra colonial), mas mais do que isso é um princípio do Socialismo e do Comunismo. Deve pois ser mantida na resolução, devendo em nossa opinião ser explicado o significado porque defendemos este princípio, assim como os outros, do ponto de vista Marxista-Leninista; porque defendemos (ou melhor — reconhecemos a INEVITABILIDADE) da insurreição armada com o derrube de todo o poder da burguesia, como único meio de atingir, entre

outras coisas igualmente fundamentais, a PAZ para todos os povos explorados e oprimidos de todo o mundo, demarcando de forma clara e total a nossa posição, fiel aos ensinamentos dos grandes mestres do COMUNISMO, de todos os tempos (MARX; ENGELS; LENINE; STALINE; MAO TSETUNG; ENVER HOXA) e à verdade que a história todos os dias confirma de todas as patanhas revisionistas recheadas de hipocrisia e traição, acerca da PAZ, da coexistência pacífica entre países com regimes políticos diferentes, da questão dos armamentos atómicos, etc!

2. Que o penúltimo parágrafo da pag.38 do projecto de resolução política passe a começar assim: — O imperialismo americano através da NATO e das suas bases militares das suas posições nas Forças Armadas, e dos seus agentes do PSD e do CDS instalados na máquina estatal e no PS...—

3. Sobre a expressão, que aparece no projecto de resolução de "fortunas fascistas", achamos que se trata de uma expressão pouco clara e que suscita muitas dúvidas acerca do seu significado concreto. Por isso propomos que ela seja substituída por uma outra cujo conteúdo seja mais concreto e menos equívoco.

Saudações Comunistas
texto da responsabilidade do camarada T. redigido com base na acta da referida assembleia de célula

10-2-77

Células de herdade

NO CORAÇÃO DA LUTA DE CLASSES NOS CAMPOS ALENTEJANOS

Como aponta o projecto de resolução para o II Congresso, o fortalecimento da organização do Partido no seio dos assalariados rurais é uma questão de fundamental importância para o futuro da luta revolucionária em Portugal. Mas é também uma tarefa difícil e complicada. Para a resolvemos precisamos de nos apoiar na experiência do velho PCP e na nossa experiência actual.

Os trabalhadores rurais são das camadas mais exploradas das massas assalariadas. São proletários que nada têm senão a sua força de trabalho para venda. Mas as condições do seu trabalho nas herdades, organizados em pequenos grupos para grandes extensões de terra, a sua vida nas aldeias muito afastadas umas das outras, levantam problemas de organização diferentes das grandes fábricas.

Há já dezenas de anos o velho PCP lançou a sua organização no Alentejo. Desenvolvendo um trabalho abnegado em condições extremamente difíceis, ganhou o reconhecimento das massas trabalhadoras. No entanto, a organização do velho PCP tinha fraquezas e sofreu derrotas que prejudicaram seriamente toda a organização da luta revolucionária dos assalariados. Não era na maioria dos casos uma organização estável, consolidada, de combate. Assentava fundamentalmente em redes de contactos de funcionários do Partido que, vencendo todas as dificuldades, levavam a palavra do velho PCP aos trabalhadores alentejanos. As organizações partidárias quando existiam eram de aldeia, muito reduzidas e com actividade irregular. Nos períodos de luta realizavam-se reuniões abertas para decidir formas de luta. De quando em quando, realizava-se uma reunião de propaganda bastante alargada, em que um funcionário do Partido explicava as posições e tarefas que os comunistas apontavam.

Era uma organização débil, vulnerável aos golpes policiais e sem continuidade no trabalho. A prisão de funcionários acarretava a perda de contactos por meses e anos e o fim da actividade partidária. A infiltração de bufos em reuniões alargadas causava verdadeiras devastações nas aldeias. Com o advento do revisionismo, aprofundou-se a crise da organização no Alentejo e o partido sob a direcção do grupo renegado cunhalista abandonou os assalariados à sua sorte. Nos últimos 10 anos antes do 25 de Abril, praticamente não existiu organização no Alentejo.

De que organização necessitamos actualmente no Alentejo?

Precisamos de um Partido que defende a sua clandestinidade mas que esteja profundamente enraizado nas massas de assalariados; um partido com células sólidas do ponto de vista organizativo mas capazes ao mesmo tempo de responder prontamente a todas as centelhas de revolta e de unir em torno de si e dirigir todos os trabalhadores revolucionários dos campos alentejanos.

Para isso é necessário intensificar ainda mais os esforços que estamos desenvolvendo para a criação de um número crescente de células de assalariados, abrindo as portas do nosso Partido à vanguarda dos assalariados rurais.

A experiência ainda limitada que temos vindo a recolher permite-nos retirar algumas conclusões quanto ao papel de primeiro plano que têm as células de herdade na edificação do Partido na região.

missões de Trabalhadores e delegados sindicais, a aplicação da democracia na resolução dos problemas das herdades, etc. Assim as células do Partido estão estreitamente ligadas às formas de organização das massas e imprimem-lhes a sua direcção, levantando o movimento revolucionário de baixo para cima.

Algumas experiências do trabalho das células de herdade:

Sobre o funcionamento colectivo e o papel dirigente das células — É necessário uma luta constante e um trabalho de educação contra o individualismo muito marcado entre os trabalhadores rurais, que se traduz frequentemente na resistência ao trabalho colectivo organizado e em métodos de direcção pessoal, estilo cacique. O funcionamento colectivo deve ser posto à frente. A célula deve dirigir tudo, realizar reuniões onde todos debatem as questões antes de se passar a qual-

assalariados rurais — Para além de estarem mergulhadas na luta de classes, as células de herdade precisam no dia-a-dia de manter perspectivas políticas revolucionárias que só a assimilação da linha do Partido pode dar. Muitos problemas em células de herdade são devidos a atrasos neste campo. As células precisam ter sempre a política revolucionária no comando para não cair em exemplo numa visão cooperativista estreita, vendo a luta pela defesa e avanço da Reforma Agrária só do ponto de vista da economia e da viabilidade económica das cooperativas e UCP, o que só pode levar a becos sem saída e ao desânimo.

Sobre os recrutamentos — existe com frequência nas células de assalariados rurais a incompreensão da importância de alargar o Partido, assim como existe no seio dos assalariados certa resistência à organização. É pois necessário um debate permanente sobre os recrutamentos e o alargamento das células. O trabalho de recrutamento deve ser feito com persistência, sem desanimar perante os obstáculos e resistências. Deve-se alargar todos os dias a rede de trabalhadores em contacto regular e permanente com a célula, através da distribuição da imprensa, recolha de donativos, etc., e chamar os melhores dentre eles à célula.

Sobre a agitação e propaganda — A principal forma de agitação e propaganda nas herdades é a oral. Impõe-se por isso pôr a render ao máximo essa forma de agitação, contrariando a tendência para a fazer ao improviso, segundo o gosto de cada camarada. As reuniões de célula devem servir para unificar a acção de todos os camaradas no seu trabalho de agitação oral, de modo a todos contribuirem para o mesmo objectivo. Ao mesmo tempo, há que marcar de tempos a tempos a presença do Partido, através de comunicados escritos perante os acontecimentos mais importantes. A divulgação da imprensa do Partido deve ser sempre organizada, pois é um meio poderoso de manter ligações permanentes entre o Partido e as massas trabalhadoras e de as conquistar para as posições marxistas-leninistas.

Com o fortalecimento de células comunistas nas principais herdades, e a criação de Comités do Partido por aldeias, que normalmente correspondem a centros das UCP, o nosso PCP(R) caminhará seguramente para dirigir a luta pela verdadeira Reforma Agrária no Alentejo.

J. e A.



As células de herdade asseguram uma sólida ligação do Partido com as massas. Elas mergulham o Partido no seio dos assalariados, nos locais de trabalho e produção, onde a luta de classes é mais aguda. Trazem para dentro do Partido o sentir das massas, as suas aspirações e reivindicações mais sentidas, permitindo que as palavras de ordem sejam adequadas à realidade e que a direcção política do Partido se exerça ali onde os caciques revisionistas não estão: no trabalho nas herdades.

As células de herdade facilitam o trabalho de recrutamento da verdadeira vanguarda dos assalariados são uma porta aberta aos assalariados revolucionários, que têm muitas vezes dificuldades na discussão política, mas que têm ideias bem claras no que toca a defender os interesses da classe. Muitas vezes nas aldeias há elementos que brilham pelos seus discursos mas que nas herdades têm pouca aceitação dos trabalhadores.

As células de herdade facilitam o trabalho de direcção política do Partido e a organização das massas. Permitem a direcção do Partido sobre as Co-

quer acção, e os seus membros devem combater a tendência de resolver os problemas através da acção individual nas Comissões de Trabalhadores, Comissões Directivas das UCP, etc.

Sobre o estilo das reuniões e a importância do papel dos secretários — As reuniões regulares das células de herdade devem ser curtas, práticas e concretas. Nenhuma destas células viverá muito tempo se cair em reuniões longas e sem interesse. Tem por isso muita importância a acção dos secretários ou secretariados, preparando bem os assuntos para debate, apresentando propostas, assegurando o bom funcionamento das reuniões e dinamizando e auxiliando no dia-a-dia todos os membros da célula no seu trabalho. De tempos a tempos, regularmente e com a maior frequência possível, convém fazer reuniões com a presença de um camarada de um organismo superior para debater a orientação política do Partido e a forma de a aplicar cada vez melhor.

Sobre a necessidade de ter a política no comando e elevar sempre o nível político, ideológico e cultural das células de